



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 13.º

SÁBADO, 21 DE MARÇO DE 1970

AVENÇA

N.º 678

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA • PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO • OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254 • LISBOA — TELEF. 361839 • FARO — TELEF. 93156 • AVULSO 2500

TERÁ CHEGADO A HORA DE TAVIRA?

A IMPRENSA noticiou com relevo a realização do Conselho de Ministros do dia 3 de Março, no qual foi criada a Região de Turismo do Algarve, acompanhada de um substancial crédito de 300 mil contos, importância que abrange, de um modo especial o abastecimento de água, saneamento e vias de comunicação.

Embora essa verba fique bastante aquém do que o Algarve necessita, é de crer que alguma coisa poderá ser feita, que ela vai ser de grande ajuda, principalmente se se olhar um pouco para as zonas do Algarve consideradas até agora como «enteadas».

No caso especial de Tavira, sobressai o problema da ligação da ilha à cidade. Não terão conta as vezes que este assunto tem sido focado na imprensa diária ou regional e já foram apontadas as vantagens e deficiências do actual modo como se faz a ligação Tavira-praia. Tem sido referida a frequência dessa magnífica estância, de ano para ano mais conhecida e foi também, mais de uma vez, alertado o leitor para as qualidades naturais do bellissimo areal doirado.

Com o que se tem falado no assunto não só em artigos como nas entrevistas concedidas por entidades ligadas aos destinos do concelho ou do turismo local, ante a justiça de opiniões demonstradas por jornalistas dos principais órgãos informativos, com tudo o que se tem dito, parece-nos difícil que esta pretensão não possa ser atendida. A Câmara Municipal de Tavira, como a maioria dos organismos congéneres, não tem possibilidades económicas de realizar a obra. E sem haver ponte, não será muito fácil que a região tenha o progresso turístico merecido.

Teve essa revista a triste ideia de aproveitar fotografias velhas de um ano para ilustrar uma pseudo-reportagem sobre Quarteira em



Um trecho da «baixa» de Tavira

AFINAL ERA MENTIRA

POR muita repugnância que cause envolvermo-nos no sensacionalismo barato e de mau gosto de certas publicações, não podemos levar o nosso escrupulo ao ponto de deixar sem correctivo os vituperios e desconexões do mensário «Algarve Ilustrado».

Em Lisboa, 7 de Março de 1970
Ex.º Sr.
Director do Jornal do Algarve
Vila Real de Santo António

«ALGARVE ILUSTRADO»

Lisboa, 7 de Março de 1970

Ex.º Sr.
Director do Jornal do Algarve
Vila Real de Santo António

Nos números de 28 de Fevereiro e 7 de Março do jornal que V. Ex.º dirige, foram publicados dois artigos, ambos na primeira página, que atingem gravemente a honra de quantos trabalham nesta revista,

Janela do MUNDO

A ÉPOCA DO DIÁLOGO

É BOM chegar-se à conclusão de que a guerra não pode resolver os dissídios. A História deste meio século assim o decidiu, pois todos os grandes litígios acabaram por encontrar uma solução política, embora milhões de homens tivessem morrido e numerosas cidades fossem destruídas com o mesmo objectivo.

Afinal, é à mesa da conferência que os mesmos dirigentes que fizeram a guerra acabam por assinar a paz. Após vários malogros bélicos — porque as guerras têm tendência a eternizar-se como aquelas

(Conclui na 5.ª página)

(Conclui na 4.ª página)

NA HORA DE PRESTAR CONTAS

OLHÃO INSISTE EM QUERER SER CONSIDERADA ZONA DE TURISMO E PEDE UM MODERNO EDIFÍCIO PARA A SUA ESCOLA TÉCNICA

REFERE o relatório da gerência de 1969 da Câmara Municipal de Olhão, que se o ano findo não foi de grandes realizações, foi-o de pesadas responsabilidades, pois poucos eram os meios de que se dispunha, quer em dinheiro, quer em mão-de-obra. Graças porém ao espírito de colaboração e entreadada dos que na Câmara exercem funções, conseguiu-se dar solução a alguns dos problemas mais transcendentes.

As receitas arrecadadas, totalizaram 9 535 454\$20, o que, com o saldo proveniente de 1968, perfaz 10 515 073\$10. Tendo as despesas atingido 9 119 633\$40, transitaram para 1970, 1 395 439\$70.

No respeitante ao pessoal, diz o documento que «de um modo geral todo ele é dedicado e trabalhador, mas por virtude da renovação excessiva motivada pela prestação de serviço militar, emigração e baixa de vencimentos, notaram-se perturbações no serviço, por vezes de importância apreciável. No sector da limpeza e obras, a situação chegou a ser alarmante».

Continua a insistir-se no sentido do concelho olhanense ser considerado zona de turismo, o que não deixaria de carrear-lhe apreciáveis benefícios. Regista-se, neste sector, a aprovação dos projectos da estrada para a ilha da Armona e da primeira fase do estudo de urbanização da mesma ilha, de que está a ser elaborada a segunda; as me-

(Conclui na 6.ª página)



Vista do porto de Olhão com parte da frota de pesca ancorada

FOI BRILHANTE E AGRADÁVEL A CONFRATERNIZAÇÃO DOS SÃO-BRASENSES EM SETÚBAL

COMO noticiámos, os naturais de São Brás de Alportel reuniram-se no domingo no seu quarto almoço de confraternização, este ano realizado em Setúbal. Presentes cerca de duas centenas de são-brasenses, residentes na capital, na cidade do Sado, em São Brás e noutros pontos do País, entre eles muitas senhoras, que à reunião imprimiram uma nota de simpatia e distinção.

Presidiu o contra-almirante Sousa Uva, ladeado pelos drs. José Paulo Pereira Machado, Alberto Miguel Andrade e Sousa e Francisco Sancho Uva e sr. José Nepomuceno Mora Fêria. Noutros lugares tomaram assento o eng. Eduar-

do Matos Correia e drs. Colaço Fernandes, A. Pontes Lopes e Mário Dias Neves.

O sr. João Viegas Faisca, grande

(Conclui na 6.ª página)

SOLENIIDADES DA SEMANA SANTA

EM todo o Algarve têm amanhã início as tradicionais cerimónias da Semana Santa, que em algumas das nossas cidades e vilas decorrem com grande imponentia, atraindo numerosos visitantes.

SERÁ O ALGARVE TURÍSTICO TÃO GRANDE QUE NÃO CAIBA TODO NO CORAÇÃO DOS ALGARVIOS?

ESTA pergunta que me ocorreu e várias vezes repeti enquanto tomei conhecimento da contestação feita ao meu comentário «Algarve em Fevereiro sem amendoieiras». É que essa carta, toda ela, é uma afirmação da parcialidade e rivalidade que se gerou no nosso sector turístico e parcelou a Província, como se fosse grande demais para caber na honra do algarvio.

Já havia pressentido este sentimento de emulação, mas não o julgava tão forte, tão apaixonado que viesse a ser assunto dos meus devaneios jornalísticos. Mas factos são factos, e facto é que fui acusada de, por ciumento despeito, ter condenado o último documentário realizado pela Radiotelevisão sobre o Algarve. Ante esta acusação sorri, não sei de quê, mas sorri. Só sei que não teria sorrido, que teria corado se íntima e conscientemente não a soubesse infundada, inteliramente infundada.

O Algarve, no âmbito turístico, não é para mim Armação de Pêra, ou Caldas de Monchique, ou Albufeira...; nem só o Barlavento ou só o Sotavento. Ele é um todo e como um todo o tenho sempre tratado, e como um todo o tratei ao referir esse documentário que classifiquei de «desconexo, depravável e desprimoroso». Tivesse sido movida por ciumento despeito, e teria antes dito que nem tudo fora mau no documentário, porque, claro, teria achado excelente o trabalho relativo a Monte Gordo. Mas isto não disse, e não o fiz porque considero esse programa um mau serviço prestado ao turismo algarvio, inclusive Monte Gordo porque, mesmo ficando além do Algarve florido, beneficiaria de uma invasão em massa na semana carnavalesca. E para essa invasão muito teria ajudado a TV se não tivesse ignorado a floração da amendoieira, tanto mais que os Estoris não tinham este ano Carnaval, batalha de flores, explique-se. E se estivesse por interesses ligados a Monte Gordo e o tal despeito me dominasse (e o despeito muitas vezes não é mais que o conhecimento da nossa inferioridade), não teria reparado na ausência da flor de amendoieira no documentário, ainda que tendo visto a Radiotelevisão Portuguesa ocupar-se da floração da mesma árvore no Norte. E teria até ido ao ponto de quase negar que a amendoieira constitui o grande

deslocação a terras algarvias: dr. Luís Torres, director do Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto, e dr. Serra, consultor jurídico do mesmo organismo.

Ficou em estudo para data muito breve um colóquio sobre pesca e conserva, a realizar em Portimão.

ENSINO TEMPO DE INQUÉRITO NO ALGARVE

■ No Algarve há bons pedagogos: que sejam conhecidos para além das paredes da sala de aulas, Conhecidos: para uma opinião pública informada. Pela explicação do modo como se ensina e do modo como se deveria ensinar.

■ A iniciativa: JORNAL DO ALGARVE. A equipa central tem apenas funções consultivas para o apuramento dos resultados; funções voluntariamente aceites. Única paga: um futuro melhor. Para cortar boatos.

■ Um trabalho não comercializado.

■ Uma preocupação geográfica com o Ensino: preocupação válida. Urgente. Por este ou outro meio. Para dignificar a Escola. Para reconduzir à Educação o que dela se afastou, para reconhecer a Educação.

■ Concelhos na linha da serra: Aljezur, Monchique, Silves, Loulé, São Brás de Alportel, Alcoutim, Castro Marim. O Ensino aí: ouvir.

■ Iniciativa original no panorama da Imprensa portuguesa? Temos à nossa disposição o que criamos. A arrancada para o desenvolvimento exige uma preparação mental. E esta começa na Escola. Para uma educação autêntica e na linha daquele desenvolvimento. E nesta linha exige-se muito pouco quando se exige apenas o diploma-garantia contra todos os riscos.

■ Não é vergonha pedir: pedir a cooperação, o interesse, a sugestão. Não ao silêncio. Sabemos que em todas as Escolas há um, dois, três professores... que podiam cooperar e sugerir já. Porque o inquérito será o que for o trabalho e a cooperação do professorado algarvio. Será o que for.

■ 1970: o ano da educação. Todo o tempo é para repensar a educação.

■ Milhares de pais neste Algarve fazem o impossível para que a juventude algarvia tenha acesso ao Ensino. Emigrantes, comerciantes, industriais, trabalhadores dos campos e das cidades, todos os dias automotoras e camionetas cheias de crianças e jovens.

E a Escola é por causa deles. Por causa do futuro. Um inquérito ao professorado por causa do futuro.

■ Neste momento muitos olhos postos neste trabalho. Discuti-vel? Discuti-vel. Imperfeito? Imperfeito. Ajudem-nos. Ajudem-nos. Como? Não é vergonha pedir quando não se abdica da autonomia da inteligência.

■ Atrás na expedição de questionário em relação ao que tínhamos anunciado. Motivo: ouvimos o que com toda a lealdade alguns Dirigentes Escolares nos comunicaram.

■ Na página 5: o que em 1969 nos disse o presidente da Câmara Municipal de Lagos.

■ Aqueles que escolhem a cooperação e a franqueza, para um Algarve escolarizado, para um operação-Ensino, escrevam para a Delegação do JORNAL DO ALGARVE — Travessa da Palmeira, 36-2.º — Lisboa.

por Maria Carlota

de cartaz turístico de que o Algarve dispõe no mês de Fevereiro e, mais, dizer que a floração do Norte em nada fica a dever à floração algarvia. E se o despeito me perturbasse a razão, eu diria que a flor de amendoieira foi apenas um protesto para esconder os inconfessados motivos por que se censurou um trabalho honesto. E se o despeito fosse tanto que me

(Conclui na 4.ª página)

JORNAL do ALGARVE

○ NOSSO prezado colega «Diário do Alentejo» transcreveu parte do artigo «Os almosgos de confraternização», que publicámos há semanas, do nosso dedicado colaborador F. Clara Neves.

A saúde é a maior riqueza

EVITANDO MAUS HÁBITOS

Dedo na boca, medo de estranhos, choramingar enquanto não vai para o colo, recusar a alimentação e tomá-la somente após uma série de promessas, são coisas que não devem ser permitidas às crianças, para que não se transformem em maus hábitos.

Contribua para a boa formação da personalidade do seu filho, evitando que, na infância, ele adquira maus hábitos.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Orlando E. Sequeira Rita
Técnico de Contas

Inscrito definitivamente na D. G. C. I., nos termos da Portaria n.º 21 247, de 27.4.965, executa, presta assistência de Contabilidade a contribuintes dos grupos A e B do Código da Cont. Ind., ou qualquer serviço inerente a estas funções.

Escritório—Rua Bernardo Passos, 24
Tels. 22385-22414 FARO

Assembleia geral do CAT de Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto, Comércio e Indústria, S. A. R. L.

Na noite de segunda-feira realizou-se nos escritórios da sede do C. A. T. de Est. Teófilo Fontainhas Neto, Comércio e Indústria, S. A. R. L., em S. Bartolomeu de Messines, a assembleia geral ordinária, para aprovação do relatório e contas do ano anterior e eleição dos corpos gerentes para o ano em curso, cuja constituição é a seguinte:

Assembleia geral — presidente, Teófilo Fontainhas Neto; secretários, João Afonso e Francisco Martins Benedito.

Direcção — secretário, Vitorino Vieira Cavaco; tesoureiro, Flaviano Joaquim da Silva; serviços culturais, João Carlos Cabrita Correia; serviços desportivos, Manuel Gomes Ruas; serviços recreativos, José Inácio Santinho Júnior, Suplentes: Manuel de Sousa Oliveira e Fernando Manuel Bila Rodrigues.

Conselho fiscal — presidente, Joaquim Manuel Cabrita Neto; 1.º vogal, Inácio Martins Cabrita Matias Cavaco; relator, Lídia Maria Mealha Nunes Lapa, Suplentes: Lisete da Conceição Neves Martins Pizarra e Nélia Maria Elias Guerreiro de Amorim.

Antes de encerrada a sessão falou o sr. Joaquim M. Cabrita Neto, presidente do conselho fiscal, que informou os presentes de que a sede será inaugurada em Maio. Para esse efeito, aproveitou o sr. Cabrita Neto a oportunidade lembrando à direcção eleita que deve ir pensando no programa para o dia de inauguração.

A GENDA

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



13 de Junho: Saudade e encontro

FINALMENTE vai ser um facto: a «malta» da Escola Tomaz Cabreira vai reunir-se numa jornada do mais amplo e franco convívio. Melhor até do que estes termos: num encontro em que a saudade e a amizade serão os elos maiores. Volvidos tantos anos de se lutar para que a Associação dos Antigos Alunos seja um facto, creio bem que este será o acto maior, o seu baptismo, a sua primeira assembleia geral, em que quantos andaram estudando ali pelos velhinhos edifícios da Rua do Município e do Largo da Sé, se reúnem em sessão magna. E ela será extensiva (que nos perdoem os seus cabelos brancos) aos «avózninhos» que ainda andaram na Escola Pedro Nunes, predecessora da Escola Industrial e Comercial de Tomaz Cabreira.

Virão «costeletas» (era esta a designação na gíria académica dada aos alunos do hoje chamado ensino técnico) de todo o País.

A reunião primará pela simplicidade, pois que mais do que tudo e para além de tudo o que importa, isso sim, como ideia maior, é o abraço a estreitar, o abraço que o tempo espiritualmente sempre manteve, mas ora vai ser abraço autêntico e concreto entre gentes da mesma geração e que estudaram nos mesmos bancos. E haverá depois o abraço maior e único, no testemunho da plenitude e da validade da ideia que os anos tornaram necessidade, a unir todas as gerações, a formar numa turma única as muitas turmas dos muitos anos da extinta «Escola Industrial e Comercial de Tomaz Cabreira».

Os órgãos informativos virão em breve com mais notícias e pormenores sobre o assunto. O grito, porém, está lançado e cremos que hoje mesmo o encontro começa.

Estou a ver aflorar lágrimas que são fotografias recordativas de factos e de amigos. Estou a ouvir os antigos encontrarem-se onde se encontram, dizer uns aos outros no encontro usual ou fortuito: «Então, lá vamos!» Sim, porque todos os que fomos da «Tomaz Cabreira» temos que vir, temos

que estar presente, temos que nos estreitar no tal abraço de que falei, que o tempo espiritualmente tem mantido, mas a vida, a dura vida de cada um, nem sempre tem permitido realizar!

A. Leite de Noronha
MÉDICO

Consultas diárias a partir das 16 horas

Rua da Trindade, 12-1.º, Esq.

FARO

TELÉF. Consultório 24503
Residência 24642

Curso de Estágio para Oficiais Superiores em Monte Gordo

Pela quarta vez foi escolhido o Algarve para as provas finais do Curso de Estágio de Oficiais Superiores, permanecendo durante 6 dias no Hotel dos Navegadores, em Monte Gordo, professores e alunos do Instituto de Altos Estudos Militares, bem como o director do Instituto, sr. brigadeiro Frederico Alcides de Oliveira.

Comemora-se amanhã o Dia do Viajante

Decorreram quatro anos sobre a data em que o comerciante vila-realense sr. Luís Félix da Silva teve a ideia generosa de prestar homenagem a uma classe trabalhadora e abnegada, criando o «Dia do Viajante».

Amanhã teremos a celebração de mais um Dia do Viajante, que reunirá em Faro centenas de profissionais daquele sector em jornada de franca e amena confraternização, que tem vindo a ser criteriosamente preparada. Ao acto assistem várias individualidades e não apenas os viajantes residentes nesta Província, mas quantos aqui se encontram trabalhando, num testemunho de que a obra se estende assim já a todo o País. E este facto leva-nos a acreditar que se trata de uma realidade a falada e necessária. «Casa do Viajante em Faro», iniciativa do mais largo alcance social.

As comemorações deste ano incluem o aparecimento da 1.ª edição do «Anuário do Viajante», que amanhã surgirá, e contou com o mais arrojado carinho do comércio e da indústria.

O programa é o seguinte: às 9.30, no Largo do Carmo, em Faro, concentração de viaturas e distribuição de decalques comemorativos; às 10, início do cortejo automóvel que circundará a cidade; às 10.30, missa por intenção dos colegas falecidos, na capela de Santo António do Alto; às 12, romagem ao cemitério local; às 16.30, encontro de futebol no Estádio de São Luís, entre as equipas de Sotavento e de Barlavento, para disputa da Taca «Campeões»; às 20, jantar de confraternização, no Convento, Residência Turístico «Siroco» em Olhão, seguido de folclore e variedades.

Dr. Diamantino D. Baltazar
Médico Especialista

Doenças e Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias

Consultas diárias a partir das 15 horas

Consultório: Rua Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.

FARO

Telef. Consultório 22013
Residência 24761

Homenagem aos srs. coronel Sousa Rosal Jr. e eng. Sebastião Ramires

Reuniu mais de 300 convivas o jantar de homenagem promovido pela Comissão Distrital da Acção Nacional Popular, em homenagem aos srs. coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior e eng. Sebastião Garcia Ramires antigos deputados pelo Algarve, Presidência do dr. Manuel Esquivel, governador civil do Distrito.

Aos brindes usaram da palavra os srs. drs. Manuel Esquivel, deputado dr. Jorge Augusto Correia, Alfredo Garcia e João Pinto Dias Pires, vice-presidente da Câmara Municipal de Faro. No final os homenageados tiveram palavras de sentido reconhecimento pela consagração.

OVOS

Vimos informar a Indústria Hoteleira, Restaurantes e Comércio em geral, que podemos aceitar contratos diários, semanais ou mensais para qualquer quantidade de ovos de nossa produção e sempre frescos do dia e gema amarelinha.

Pedidos para o Aviário da Falfosa, telefone 91218 de Estoi ou Rua Sacadura Cabral, 16, Faro, telefone 23568.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em **ALBUFEIRA**, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em **FARO**, hoje, a Farmácia Pontes Sequeira; amanhã, Baptista; segunda-feira, Oliveira Bomba; terça, Alexandre; quarta, Crespo Santos; quinta, Paula e sexta-feira, Almeida.

Em **LAGOS**, a Farmácia Silva.

Em **LOULÉ**, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça, Avenida; quarta, Madeira; quinta, Confiança e sexta-feira, Pinheiro.

Em **OLHÃO**, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Olhanense; terça, Ferro; quarta, Rocha; quinta, Pacheco e sexta-feira, Progresso.

Em **PORTIMÃO**, hoje, a Farmácia Moderna; amanhã, Carvalho; segunda-feira, Rosa Nunes; terça, Dias; quarta, Central; quinta, Oliveira Furtado e sexta-feira, Moderna.

Em **S. BRÁS DE ALPORTEL**, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Dias Neves; segunda-feira, Pereira; terça, Montepio; quarta, Dias Neves; quinta, Pereira e sexta-feira, Montepio.

Em **SILVES**, hoje, a Farmácia João de Deus; e até sexta-feira, a Farmácia Ventura.

Em **TAVIRA**, a Farmácia Central.

Em **VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**, a Farmácia Carmo.

CINEMAS

Em **ALBUFEIRA**, no Cine-Pax, hoje, «A Princesa»; amanhã, «Nebraska», o pistoleiro; terça-feira, «O Filho de Django».

Em **ALVOR**, no Cine-Alvor, hoje, «Vingança do condenado» e «Convite a um pistoleiro»; amanhã, «Quimera».

Em **FUSETA**, no Cinema Topázio, amanhã, «Kharout»; quinta-feira, «Um lugar chamado pólvora» e «A deusa da cidade perdida».

Em **FARO**, no Cinema Santo António, hoje, «A lição particular»; amanhã, «A quadrilha selvagem»; terça, quarta e quinta-feira, «A bíblia».

Em **LAGOS**, no Teatro Cinema Império, hoje, «Acaba com eles e volta só» e «Mercadores de escravos»; amanhã, «Velha raposa»; terça-feira, «A estrela do sul»; quarta-feira, «Comando suicida»; quinta-feira, «Ansia de amar».

Em **LOULÉ**, no Cine-Teatro Louletano, quinta-feira, «Carne da minha carne».

Em **OLHÃO**, no Cinema-Teatro, hoje, em matiné, «O melhor de Bucha e Estica» e em soirée, «A evasão dos 400» e «Num abrir e fechar de olhos»; amanhã, «Nada de rosas para OSS 117» e «Eu, eu, eu e os outros»; terça-feira, «Charlie» e «Acaba com eles e volta só» e «Mercadores de escravos»; quarta-feira, «Uma pistola para Ringo» e «O homem que valia um milhão de dólares»; quinta-feira, «Nebraska, o pistoleiro» e «Cristina e o imperador».

Em **PORTIMÃO**, no Cine-Teatro, hoje, «Uma arma entre mil» e «A mão que não casou»; amanhã, «Doutor agora é que são elas»; terça-feira, «A mão armada»; quarta-feira, «A viúva que não casou»; quinta-feira, «Operação rosas vermelhas».

Em **S. BRÁS DE ALPORTEL**, no São Brás Cine-Teatro, amanhã, «7 homens de ouro» e «Aventura na selva».

Em **SILVES**, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «A estrada de Corinto»; amanhã, em matiné e soirée, «Sete balas para Selma»; terça-feira, «Alta tensão nas Caraíbas»; quinta-feira, «Não se trata assim uma senhora».

Portugal fabrica das melhores porcelanas do Mundo

18 serviços de jantar — Vista Alegre e Spal acabam de chegar à CARAVELA.

Prefira os produtos portugueses — Caravela — Vila Real de Santo António.

Curso de Educação Familiar Rural em Monchique

Encerrou-se o Curso de Educação Familiar Rural que funcionou em Monchique durante cinco meses, por iniciativa da Casa do Povo e sob a regência da sr.ª D. Maria de Fátima Marçal.

Após a celebração de missa, abriu ao público a exposição dos trabalhos efectuados pelas 40 alunas, tendo sido muito apreciada a arte decorativa e doméstica, evidenciando a capacidade das mãos femininas. Mais tarde efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo delegado do Instituto Nacional do Trabalho, que se encontrava ladeado pelo presidente do Município, presidente do conselho da A. N. P., elementos da direcção da Casa do Povo e outras entidades. Depois da sessão, reuniram-se numa merenda de confraternização as alunas e seus familiares e, às 22 horas, houve um recital com exibição de danças, cantigas e recitação de poemas e diálogos.

EMPREGADO

Para Firma em grande expansão, de preferência com conhecimentos de exportação e residindo na área de Olhão — Faro.

Indispensável possuir carro próprio e ser fluente em inglês (especialmente, falado).

Boas perspectivas de promoção

Responder a: **HORTISOL — Produtos Agrícolas, SARL**
Quinta de Marim — OLHÃO

Em **TAVIRA**, no Cine-Teatro António Pinheiro, hoje, «Nada de rosas para OSS 117» e «A eterna dúvida»; amanhã, «O detective» e «Segue o teu destino»; terça-feira, «Como matei Rasputin»; e «Winnetou, revolta dos apaches»; quinta-feira, «Gangsters 70» e «Sem consciência».

Em **VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**, no Cine-Foz, amanhã, «Os canhões de San Sebastião»; terça-feira, «Que aconteceu em Campo Grande?».

NECROLOGIA

José Gomes Pacheco

Faleceu em Faro o sr. José Gomes Pacheco, de 66 anos, dali natural, funcionário aposentado da Mobij Portuguesa. Era casado com a sr.ª D. Teresa de Jesus Sortibão Gomes Pacheco; pai dos srs. José Reinaldo Gomes Pacheco e Carlos António Gomes Pacheco, comerciantes; sogro das sr.ªs D. Antónia Teixeira de Sousa Duarte Pacheco, professora oficial e D. Delmira Mansão dos Santos Pacheco; e avô dos meninos Maria Teresa e José António Falcão Duarte Pacheco e Carlos António, José Frederico e Luís Miguel dos Santos Pacheco.

D. Maria Rodrigues Ramos

Faleceu em Vila Real de Santo António, de onde era natural, a sr.ª D. Maria Rodrigues Ramos, de 76 anos, viúva de Joaquim Viegas, Era mãe das sr.ªs D. Albina Viegas, D. Maria Cristina Ramos Viegas e D. Josefa Ramos Viegas e dos srs. Joaquim Viegas, José Ramos Viegas, António Manuel Ramos Viegas e João Manuel Ramos Viegas; e sogra das sr.ªs D. Ermelinda da Encarnação e D. Maria dos Mártires e dos srs. António da Rosa e Domingos Marçal.

João Batista Gago

Na Quinta Argentina (Moncarapacho), onde residia, faleceu o sr. João Batista Gago, de 75 anos, natural de Estol, casado com a sr.ª D. Rosa Bernardo Soares de Gago. Era pai das sr.ªs D. Maria José Gago Rolão, casada com o sr. Henrique Mendes Rolão, D. Salomé Soares Gago Horta, casada com o sr. José Mateus Horta, D. Rosa Gago

Pacheco, casada com o sr. João António Pacheco e D. Maria de Lourdes Soares Gago Dourado Eusébio, casada com o sr. José António Dourado Eusébio; e avô do sr. eng. João José Gago Horta, casado com a sr.ª D. Maria Emilia Sazedas Palma Leal Gago Horta e dos meninos Almerinda Maria Gago Horta, Luís Gabriel Gago Horta, Joaquim António Gago Pacheco, Maria Madalena Gago Pacheco, João António Gago Pacheco, Jorge Alexandre Gago Pacheco, Henrique José Gago Rolão, Rui Germano Gago Rolão, Rosa Maria Gago Rolão, Ana Maria Gago Rolão e Nuno Miguel Gago Dourado Eusébio.

O funeral, após missa de corpo presente na Igreja de Moncarapacho, realizou-se com grande acompanhamento para o cemitério de Olhão.

D. Maria Bárbara da Silva Viegas

Faleceu em Faro, de onde era natural, a sr.ª D. Maria Bárbara dos Santos Viegas, de 83 anos, viúva de Luís dos Santos Caetano. Era mãe das sr.ªs D. Bibiana dos Santos Caetano, D. Francisca dos Santos Caetano e D. Margarida dos Santos Caetano e dos srs. Mateus dos Santos Caetano (falecido), António dos Santos Caetano e Luís dos Santos Caetano e sogra das sr.ªs D. Maria Jesuína de Brito, D. Floripes Rosa Viegas e D. Maria do Carmo Caetano e dos srs. Luciano Jerónimo, Joaquim Mendonça Cristina e Joaquim Cristina.

Joaquim Coelho

Em Beja, onde há muito tempo residia, faleceu o sr. Joaquim Coelho, de 92 anos, viúvo, natural de Salir (Loulé). Era pai da sr.ª D. Virgínia Amália Coelho Filhó e dos srs. Joaquim Coelho Júnior e José Martins Coelho; sogro das sr.ªs D. Bertolina da Conceição Raminhos Coelho e D. Maria Carolina Montes Coelho e do sr. António Luís Filhó; e avô da sr.ª D. Maria Bárbara Raminhos Coelho e dos srs. Dr. José Adalberto Coelho Alves, casado com a sr.ª D. Maria Barroso Alves, Carlos Adalberto Coelho Filhó e dos meninos António Montes Coelho e Manuel José Montes Coelho.

D. Gertrudes das Dores Manja

Faleceu na ilha da Culatra (Faro), onde residia, a sr.ª D. Gertrudes das Dores Manja, de 71 anos, natural da mesma cidade. Muito considerada pelas suas qualidades de bondade, a sua morte causou profunda mágoa. Deixa viúvo o sr. José de Brito e era mãe das sr.ªs D. Maria Angela de Brito, D. Gertrudes das Dores de Brito, D. Marcelina da Encarnação de Brito, D. Florência Aurélio de Brito e D. Adelina Olga de Brito e dos srs. António Martins de Brito e Manuel José de Brito. O funeral, que se efectuou para o cemitério da Esperança, constituiu sentida manifestação de pesar.

As famílias enlutadas apresenta **Jornal do Algarve**, sentidos pésames.

SILVES

AGRADECIMENTO

JOSE DOS SANTOS MATOS

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o poder fazer directamente por desconhecimento de endereços vem por este meio agradecer muito reconhecidamente, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, ou que por qualquer meio manifestaram o seu pesar.

LOTAS

De 11 a 17 de Março

QUARTEIRA

Artes diversas 140 264500

aumente as suas produções com

FERTOR

um fertilizante orgânico mais barato que o estrume melhor que o estrume

indispensável em todos os solos e culturas exigentes de matéria orgânica e em especial nas terras esgotadas e muito lavadas pelas chuvas

DISTRIBUIDORES:

FERTOR
Ermezinde, telef. 98 91451, PORTO

SAPEC
R. Vitor Cordon, 19, LISBOA
R. Sá da Bandeira, 746-1.º D. PORTO

um quilo equivale a 10 Kgs. de estrume

FERTOR É FARTURA
AGENTES EM TODO O PAÍS

FERTIZAL

ADUBO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

estimula a actividade vegetativa
antecipa a maturação
favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda
melhora a cor e a qualidade
aumenta os rendimentos unitários

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA SAPEC

Depositário em FARO:
JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras
Telefone: 2 40 00

LISBOA
R. VITOR CORDON, 19
TELEF. 36 64 26

DEPÓSITOS E REVENDÉDORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

música etc música DENOMINADOR

TEMPO DE INTRÓITO

Aqui somos. Aqui estamos. Um grupo. Heterogéneo na sua composição. Animado de um desejo comum: falar quinzenalmente de música.

Fala que se não quer fixa, isolada, monólogo. Separada da realidade económico-sócio-político e cultural. Mas antes diálogo vivo, aberto, dinâmico entre nós os de Denominador e vós a quem nos dirigimos. Fala que pretende ser eco, flor, mão que se estende, canção.

Na confusão alienadora e alienante que se verifica actualmente no panorama cultural português (e música ainda que «ligeira» é cultura, não o esqueçamos) nós vamos procurar ser uma voz diferente. Não a priori melhor ou mais qualificada.

Apenas diferente. E isenta. Para tal necessário se torna o eco, a sugestão, a crítica, a colaboração.

De vós até nós, os de Denominador que queremos comum.

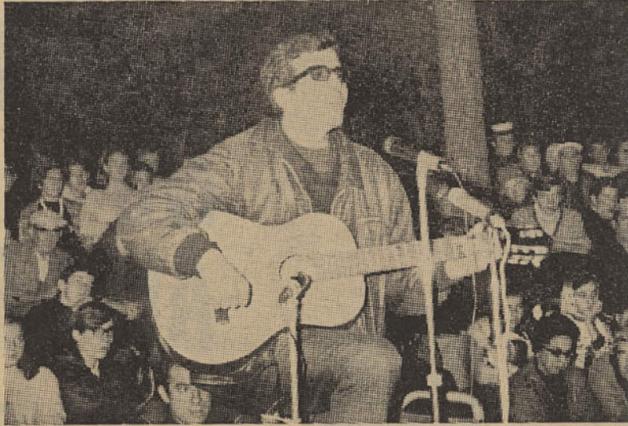
Porque assim «é necessário, imperioso e urgente».

A equipa Denominador

Leia o JORNAL DO ALGARVE e sabed o que se passa no Algarve

Do 1.º disco cerca de 8000 exemplares vendidos para o nosso meio é razoável

FRANCISCO FANHAI



Várias vezes o padre Fanhais tem afirmado que cantar é uma forma de sacerdócio.

Em que medida essa afirmação terá cabimento...

F. Fanhais — Eu quando canto procuro que a canção seja veículo daquilo que é problema humano, daquilo que é preocupação quotidiana. Essa inserção no real da vida

de cada dia, penso, que é uma das finalidades principais da minha profissão. Porque essa é uma das preocupações máximas do evangelho. O próprio Cristo quando veio ao mundo foi o cúmulo da inserção de Deus no homem. Eu sou padre, portanto sou alguém que procura e que tem a obrigação de ser o continuador desse Cristo, porque é

dele que vem a coragem. Sendo padre e tendo jeito para cantar posso pôr-me ao serviço da minha missão sacerdotal.

— Qual o critério de escolha das suas canções? São canções com tendência a inserir-se num programa didáctico ou pregatório?

F. Fanhais — O critério de escolha de canções é o seguinte. Eu vejo um poema, e se ele aborda um tema que se insere nas minhas preocupações: a guerra, o drama do dia a dia, a injustiça, a fome, se esse poema me agrada, e se já tem música eu integro-o no meu repertório. Doutra forma dou-o para que alguém me faça uma boa música.

— As suas canções terão um aspecto construtivo ou só apontam erros?

F. Fanhais — Isso é um bocado de masoquismo, apontar por apontar, denunciar por denunciar, só para dizer que isto tudo é uma porcaria, que isto vai por água abaixo, que não há nada a fazer e a gente deleitar-se, neste chafurdar de miséria e contemplação estéril dos problemas.

— Então nada de «balada de protesto» mas sim «balada de construção», será?

F. Fanhais — De solidariedade. Ou de protesto como caminho para outra coisa mas não protesto por protesto. Uma etapa será aflorar problemas. Outra muito mais complexa será apontar caminhos para esses problemas. Aí eu me encontro de frente na minha missão de padre porque acredito nos valores da esperança, justiça e liberdade. É necessário que eu os viva e tente mostrar aos outros uma saída.

— Qual a reacção do clero português ao padre Fanhais cantor, aos seus poemas e à maneira como canta?

F. Fanhais — Há sempre aquele clero que reage mal. Não por ser clero mas por ter uma certa idade e uma mentalidade pouco evoluída. A grande maioria tem-me dito que é um trabalho importante e evangélico. A maior parte daqueles com quem tenho falado, e pode ser um bocado de pretensiosismo, têm dito que vale a pena continuar, e que se integra perfeitamente na minha missão sacerdotal.

— Continuação de estilo? F. Fanhais — Sim. Mas com evolução, quer dizer não é voltar atrás nem mudar, mas uma evolução e um aprofundamento de trabalhos anteriores.

— Vê como solução para uma maioridade da música portuguesa ser cultivada só a balada?

F. Fanhais — Eu nunca pensei ser um renovador da música portuguesa. Penso que a canção é uma coisa muito séria. É um veículo importantíssimo para transmitir qualquer coisa que faça pensar, e os problemas humanos que podem ser transmitidos através de uma canção têm muito mais possibilidades de serem aprendidos pelas pessoas, do que simplesmente por conversa. Agora eu renovador... Nada disso...

ARNALDO JORGE SILVA

ÍNDICE

Table with columns: A. J. S., C. 4, Em órbita, F. C., J. M. N., J. P., J. D., T. L. and rows of music titles and classifications.

Estas classificações têm por base uma escala de 0 a 10. E são fornecidas por: (A. J. S.) — Arnaldo Jorge Silva, «Chave 15» e «Denominador» (Jornal do Algarve), (C. 4) — equipa critério 4, actualmente sem ocupação radiofónica, (Em órbita) — programa «Em órbita», R. C. P. (F. M.), (F. C.) — Fernando Cordeiro, «Chave 15» e «Denominador», (J. M. N.) — José Manuel Nunes, programa «Página 1», R. Renascença, (J. P.) — João Próspero, «Chave 15» e «Denominador», (J. D.) — José Duarte, crítico musical da «Nova Antena» e realizador de «cinco minutos jazz», (T. L.) — Tito Lívio, «Chave 15» e «Denominador», (Jornal do Algarve).



com Carlos Albino

a todos os que dizem que eu carrego sózinho isto e aquilo sem que encostem o ombro ao peso essencial a todos os que são pacientes e frios enquanto duram a todos os que querem a poesia numa casa de saúde a todos os que me escrevem insultando-me sem me criticar a todos os que falam e não têm nenhuma ideia para falar a todos os que são do Algarve ou de outro lado qualquer a todos os que gostam de música mas têm nojo do verdadeiro cheiro musical a todos os que fazem censura sem limpar o argueiro a todos os que dizem isto está mal mas quando se lhes pede dizem que não sabem escrever a todos os que têm a coragem de não desistir a todos os que suportam os suportes a todos os que se interrogam quem será Pedro Xavier e Luís Pinheiro e todos os que nasceram depois e primeiro a todos os que croniqueiam, croniqueiam como se crónica fosse renda de enxoval a todos os que tentam pedregulhos em vez de pedrinhas uma a uma a todos os que em cada erro encontram um monstro definitivo a todos os que são boca cheia falando uma só palavra aos ouvidos que inventam a seu belo prazer a todos os que queriam um galo de várias gargantas e só compraram um galo de duas asas a todos os que desejam para o Algarve uma grande cauda colorida a todos os que nas pálpebras formaram uma porta de ferro torcido e retorcido a todos os que se confundem com o que pretendem ser por inteiro a todos os que perdendo abismo vão conhecendo cada momento a todos os poetas que fazem poesia com taxas e descontos manta de retalhos que não aquece o enorme desconto da vida a todos os que entregam cartas, cartinhas a todos os que me enviam seus livros recém-publicados e na dedicatória meu caro amigo Carlos eu, eu a todos os que (repto) dizem que queriam um galo de várias gargantas a todos os que recusaram as portas abertas da casa do Algarve a todos os que vendem barro sem saliva nos hotéis e dizem que o falecido Xico Jorge não era do povo e que o António Aleixo não devia estar vivo para ouvir o luxo que fazem dele sem a descoberta da razão por que muitos Antónios Aleixos não estarão vivos ainda a todos os que a todos os que a todos descansem que não lhes enviarei nenhum livro de poesia.

Frangos

Vende, vivos, o Aviário da Quinta do Mirante. Telefone 14 — LUZ DE TAVIRA.

Precisa-se, Empregada

Firma exportadora procura empregada com Curso Geral do Comércio. Resposta manuscrita detalhada ao Apartado 1 - S. Brás de Alportel.

REPENSAR O AMOR

por Adão Contreiras

O AMOR tradicional fundado na vivência cristã, porque põe o indivíduo perante a liberdade abstracta, e não o coloca imediatamente perante o outro igual a ele, pensado como um ser, dado objectivamente, é um amor não vital, como diria Bergson, porque não se responsabiliza pelo que lhe é próprio. Ama-se essencialmente alguma coisa, e essa coisa que se ama, é a pessoa na sua complexidade de ser. Não conheço nada que esteja fora de mim; o universo é a realidade imediata na qual estou integrado, da qual sei que faço parte. O que ignora, não posso amar; a não ser que ame a ignorância, e então o filósofo estava perdido, o que também não é verdade.

O amor é um factor de equilíbrio. A juventude mais consciente sabe-o, e sabe quanto é difícil esse equilíbrio. E porque há um abismo profundo entre certa juventude e o amor tradicional? — porque o que se tem de procurar hoje é um equilíbrio muito diferente, exigindo uma realidade objectiva sem precedentes.

Da análise, «ama o próximo como a ti mesmo», a dedução lógica desta regra leva-nos a concluir, que tem por detrás como fundamento que a alma, a ideia de que no «amor de si mesmo» uma realidade egoística terrível cerca a pessoa, alheando-a do outro, cercando-lhe o caminho para a verdadeira sociedade, pois que ele é egocêntrico, não é capaz de abdicar do seu eu.

Da análise íntima da palavra, o que se sobrepõe a tudo o mais, é um conhecimento inerente à própria acção de amar, e que vai integrar o homem na realidade objectiva. O amor não se pode equiparar

a um amor de si próprio, e, muito menos, partir daqui para amar os outros. Esta regra tem de ser reafirmada. Não posso ao mesmo tempo amar-me e amar o outro; esta é uma das condições lógicas do conceito. Tenho é que amar tudo ao mesmo tempo, e partir daqui para caminhos que me levem a uma reintegração da pessoa. A pessoa renovada move-se constantemente; mas não confundamos movimento inteligente com a desordenação que nos leva ao nihilismo.

No festival de Mar de la Plata (Argentina): críticos cinematográficos atribuíram prémios

Realizou-se em Mar del Plata o 10.º festival cinematográfico. O prémio principal foi atribuído ao filme brasileiro «Macunaima». E esse prémio tem nome especial: «Grande Condor». Frank Perry viu também premiada a sua película «Último Verão». Para Liza Minnelli o prémio da melhor interpretação feminina (em «Os Verdes Anos», made in USA, claro...). A interpretação de Ugo Tognazzi em «O Comissário Pepes (Itália)» valeu-lhe o prémio da melhor interpretação masculina. Para Cristofan Zanussi, o prémio do melhor argumento («A Estrutura do Cristal», Polónia). Melhor curta-metragem: «Que se pode fazer de uma rapariga» (Espanha). Uma menção especial do júri para Paolo Pasolini; motivo: «a sua contribuição

TEATRO, DEPOIS... por Tito Lívio

O REGRESSO DE LAURA ALVES OU O REENCONTRO COM O TEATRO DE BOULEVARD MADE IN VASCO MORGADO

Vasco Morgado constitui um caso à parte no panorama teatral português. Caso sério e revelador de uma ausência de infra-estruturas teatrais ou de uma política eficiente e criteriosa de protecção ao teatro. Caso que não pode ser ignorado ou iludido. Produções Vasco Morgado, «o mais dinâmico empresário de teatro» invadem as ruas, os jornais, a rádio e o cinema. Vasco Morgado e o seu quase monopólio do espectáculo teatral em Lisboa e no Porto. Vasco Morgado e a sua visão peculiar e seu género de um teatro popular, digestivo, fácil, sem grandes complicações.

O da involução do teatro entre nós: «Flor de cacto», «O comprador de luvas», «Como vencer na vida sem fazer força», «Duas pernas um milhão», «Quando ela se despiu», etc., etc. são marcos a assinalar uma frutuosa carreira para a deseducação e o confusãoismo mental de um público já de si acrílico e passivo e acéfalo perante o espectáculo teatral.

Em Lisboa, Produções Vasco Morgado (com direito a fotografia gigantesca nos cartazes) controlam já o Avenida, o Capitólio, o Variedades, o Monumental, o Laura Alves, e em parceria respectivamente com Giuseppe Bastos e Raul Solnado o Maria Vitória e o Villarett.

No Porto o único teatro em actividade permanente (ou quase) — o Sá da Bandeira tem também a sua chancela. E como se tal não bastasse, fala-se agora no aluguer do Teatro de Luanda, prosseguimento de uma carreira notável de imperialismo teatral.

De fora, em Lisboa, apenas os grupos independentes do Vasco Santana, Igrejas Caeiro no Maria Matos, além do Teatro Nacional — a companhia oficial. Também José Miguel com o seu ABC no campo do teatro musicado. As desvantagens e inconvenientes desta concentração empresarial estão tão à vista que seria desnecessário enumerá-los, constituindo apenas matéria séria para uma reflexão mais demorada e atenta.

Laura Alves voltou. Depois de uma digressão por terras de África. Para o seu reaparecimento entre nós, escolheu-se a peça de Marcel Mithois «Croque-monsieurs», em português «Pobre milionária». Teatro de boulevard. Intriga sem consequências. Repousando nas situações ambíguas e confusas, no chiste fácil, num quotidiano demasiado simples e cor de rosa. Ausência total de espírito crítico, de actualidade ou de inovação formal. Teatro por excelência para uma pequena burguesia que de «barriga cheia» pretende digerir calmamente a sua refeição.

Sem problemas nem complicações. Sem pensar muito. Porque para tal... já basta a vida.

Teatro divertimento inútil e gratuito onde deveria existir reflexão, divertimento sim, mas lúcido e inteligente.

De «Pobre milionária» cuja trama teatral é banal e convencionalíssima apenas poderemos dizer que tivemos uma tradução-adaptação ao gosto nacional, com uma encenação sem rasgos de Armando Cortez, sustentada por um naipe de actores que, na sua maioria, se sente à vontade neste género teatral. Entretanto, o bom teatro de boulevard existe: Labiche e Feydeau são excepções que confirmam a vacuidade geral de um género que aqui e agora não interessa absolutamente ou tão só dentro de uma encenação crítica.

Laura Alves agarra o espectador, actriz que possui o condão excepcional de uma comunicação imediata com o público, silhueta meio-clownesca meio-felliniana (lembram-se da Jelsomina de «A estrada»?) e de quem lamentamos uma visão curta e reaccionária do espectáculo teatral em Portugal: «Por isso faço um género de teatro mais popular, mais simples, que vá de encontro ao gosto de todas as camadas. Vejo lá fora peças óptimas que gostaria de fazer, teatro mais sério, de mensagem, digamos, mas sei que para esse género de trabalho, não tenho o público que gosto de ver. Quero uma casa cheia de gente, preciso de ver público. Essa é a minha grande fraqueza no Teatro... «Adorei fazer essa peça («Meu amor é traigoiro» de Vasco de Mendonça Alves) porque com ela prestei uma homenagem à minha raça (?)» (1). Palavras superficiais que revelam uma noção estática, conformista e deturpada do fenómeno cultura de massas de que o teatro é parte e meio.

A propósito, já pensamos no que seria a gigantesca máquina publicitário-comercial de Produções Vasco Morgado ao serviço de uma autêntica cultura teatral?

O êxito da «Forja» de Alves Redol fornece-nos apenas uma pálida ideia.

(1) Palavras inseridas numa entrevista na revista Rádio e Televisão de 28/2. O ponto de interrogação é nosso.

VENÇA NA VIDA POR SI PRÓPRIO

A Philips, sempre na vanguarda do Progresso, proporciona-lhe a aprendizagem de uma nova língua, em novos moldes. Em sua casa, nas horas vagas, pode aprender ou aperfeiçoar, com um mínimo de esforço, a língua que deseje pelo moderno

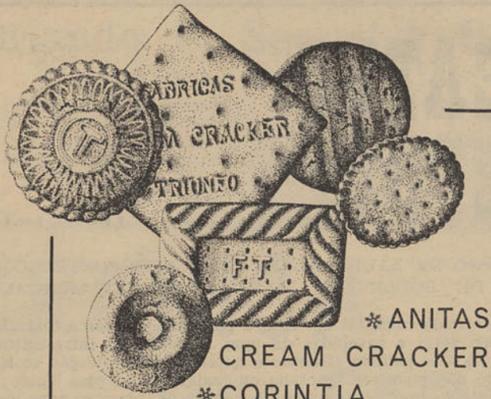
Advertisement for Philips language courses. Includes text: 'MÉTODO AUDIO ACTIVO COMPARATIVO DOS CURSOS DE LÍNGUAS PHILIPS E VISAPHONE'. Features an image of a woman sitting at a desk with a Philips language course box.

CONSULTE O AGENTE ESPECIALIZADO José Guerreiro Martins Ramos Rua de Santo António (Edifício Sol) Tel. 24432 - Faro Av. Marçal Pacheco-38 Tel.-62008 - Loulé

para a cultura cinematográfica». O prémio especial do júri foi para o filme americano «Último Verão». O CINEMA E A EDUCAÇÃO: O «Cinema Clube de Zagreb» também pensa em festivais internacionais. Mas para o próximo mês talvez uma coisa diferente de outros festivais. Objectivo: filmes eróticos. Note-se: eróticos e não pornográficos. Mas a coisa não ficará

apenas nas fitas, descerá com palavras à plateia: numa série de conferências será focado um tema que preocupa nestas horas europeias: «A sexualidade como hipótese para um novo humanismo». O Jornal do Algarve vende-se, em Vila Real de Santo António, na HAVANEZA Rua Teófilo Braga.

Advertisement for 'Arroz TREVO'. Text: 'Arroz TREVO O ARROZ preferido e mais vendido em Portugal Embalagens de 1 kg. Distribuidores A. D. Oliveira Magalhães - Exportadora, S. A. R. L. PORTO'.



* ANITAS
* CREAM CRACKER
* CORINTIA
* CRISTAIS
* RICH TEA
* ARGOLETAS
todas deliciosas!
todas bolachas

Triunfo

Será o Algarve turístico tão grande que não caiba todo no coração dos algarvios?

(Conclusão da 1.ª página)

tivesse feito esquecer a conveniência de dissimulá-lo, eu revelaria o peso que me fazem as outras terras e praias... chamando-lhes «as sempre protegidas praias e terras barlaventinas». E se um despeito tamanho me levasse a esquecer a verdade, não reconhecera ser a minha praia a que mais favores deve à Televisão, embora Armação de Pêra, Albufeira, Carvoeiro... bem mais pequenos favores lhe devam. E se um despeito doentio me excitasse, chamaria à *minha praia* — a mais linda e a mais infeliz e abandonada praia do Algarve, em certa propaganda — porque não saberia aceitar a beleza das outras nem ver o abandono igualzinho que as rodeia. E não reconhecera que a protecção de que beneficiam as praias barlaventinas é a que a Natureza lhes deu, pois que só pelo que ela lhes deu se tornaram famosas. E não teria sentido, também, necessidade de dizer à Radio-televisão a minha estranheza pelo facto de as suas câmaras não terem topado com uma única amendoieira nesta sua digressão pelo Algarve.

Terá chegado a hora de Tavira?

(Conclusão da 1.ª página)

Não estamos a par do projecto da ponte, nem do seu provável custo. Mas, dada a pequena distância a que se situam os dois pontos mais próximos, na ilha e no sítio das Quatro Águas, não nos parece difícil a entrada do projecto que por certo vai ser equitativa e a consciente distribuição dos capitais a investir nesta região turística.

Tavira fica à espera. A ponte acabaria com as impróprias carreiras de barcos, levando à praia uma frequência três a quatro vezes maior, dando-lhe o apetrechamento das suas reais necessidades, que são a água, a energia eléctrica, o saneamento e o próprio telefone, além da urbanização que está projectada. E ao falarmos da ponte, que apontamos como a maior das aspirações tavirenses dos últimos anos, recordamos que urge apresentar sem demora o famigerado projecto urbanístico da ilha, que nos parece tardar demasiado. Se se aguarda um parecer, este, em vez de impedir que determinados projectos avancem, em vez de estudar e contra-estudar resoluções para as quais muitas vezes se não está preparado, deveria apresentar uma única e unânime resposta: Prioridade absoluta. Só com vistas largas e abertas soluções poderá Tavira alinhar, com outras regiões na extraordinária revolução que constituiu a implantação do turismo como interesse básico da Província.

Aqui reafirmamos, pois, a nossa confiança em que desta vez a ponte, a urbanização da ilha e o conseqüente e imediato progresso de Tavira, se encontrarão na agenda, também com prioridade, de quem superintende na dotação concedida.

De resto, prometemos não voltar a falar no assunto «ponte para a ilha», sem que saibamos que foi aprovado o projecto e concedida a verba. Porque, confessamos, já nos custa falar de coisa que tanto tarda...

Têm a palavra o Ministério das Obras Públicas, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo e a Câmara Municipal de Tavira. Destas entidades muito espera a região, relativamente ao seu progresso.

LUIS M. HORTA

Ao que o despeito me levaria se regulasse por ele as minhas atitudes e palavras! Assim, sem despeito, mostrei-me descontente por um documentário que não considere digno do meu Algarve — este Algarve-Turístico que continua a caber todo no meu coração — que gostaria de ver tratado em pormenor pelas câmaras televisivas, à semelhança do que vêm fazendo por outras províncias de Portugal. Sem despeito, achei que a floração das amendoieiras teria de ser o tema fundo de um documentário oferecido ao País sobre o Algarve em Fevereiro e, também, coincidências demais que, não tendo havido nesse trabalho lugar para uma só amendoieira, se tivesse dado preferência (se por disposição de realizador ou ideia alheia não interessa) a uma zona arredada do Algarve em flor. Sem despeito, considere esse documentário desconexo porque não lhe encontrei ligação, deplorável porque o achei lastimoso no capítulo elucidativo, desprimoroso porque não vejo primores num trabalho imperfeito.

Dizê-lo à Televisão não foi um prazer para mim, mas uma necessidade ditada pelo desgosto que o seu trabalho me causou. Não me exprimi com punhos de renda (eu própria o disse), mas apenas quis ser enérgica e clara; não deselegante ou destrutiva. Se o fui, foi porque as palavras ganharam um sentido que não lhes dei, que não tive intenção de lhes dar. A Televisão sabe-o e saberá dizer-me sem que precise de auxílios ou delegados. Só a ela cabe fazê-lo, só ela tem esse direito se, ainda que inconscientemente, esse direito lhe dei.

O jornal é seu... e será meu para me justificar ou penitenciar.

MARIA CARLOTA

Terreno em Olhão

Vendemos cerca de vinte e cinco mil metros quadrados. Área completa ou parcelada. Com frente para duas estradas. Esplêndido local para complexo turístico, vivendas, blocos de apartamentos, etc. Água, luz e esgotos. Perto do embarcadouro para a famosa Ilha da Armonia. Tratam, os proprietários. Rua Vasco da Gama, 69 — Telefone 73057 — OLHAO.

Seja exigente!

Se o problema é garantir o futuro, exija uma forma de aplicar as suas economias que lhe assegure 100% de êxito

COMPRE PROPRIEDADES COM GARANTIA DE RENDIMENTO. DURANTE O PERÍODO DE GARANTIA RECEBERÁ ONDE E COMO DESEJAR O SEU RENDIMENTO, SEM QUALQUER PREOCUPAÇÃO.

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: LISBOA—Pr. Marquês de Pombal; REBOLEIRA—R. D. Dinis; PAÇO DE ARCOS (Espargal) e CASCAIS (na retaguarda do Hotel Baía)

J. PIMENTA S.A.R.L.

Escritórios: LISBOA—Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º—Telefones 4 58 43 e 4 78 43

QUELUZ—Rua D. Maria I, 30—T. 95201, 22: AMADORA-REBOLEIRA—T. 933670

PAÇO DE ARCOS (Espargal) — T. 2433511



ESTAMOS NO ALGARVE...

para o servir melhor

Os nossos amigos, que nos honram com a sua preferência, encontrarão nas novas instalações que abrimos agora, em Faro, um modelar serviço de assistência técnica.

Seja qual for a marca ou origem da bateria do seu automóvel, estamos no Algarve para o servir.

... a sua satisfação, é o nosso objectivo maior.

TUDOR

50 Anos de experiência

RUA CUNHA MATOS, 6 a 8-A Telef. 2 37 85 F A R O

LISBOA · TOMAR · C. BRANCO · PORTO · COIMBRA · VISEU · ÉVORA · BRAGA · SETÚBAL · AVEIRO

Sociedade Agrícola de Vilamoura, S.A. R. L.

Assembleia Geral

É convocada a Assembleia Geral desta sociedade para, em sessão ordinária a efectuar no próximo dia 31 de Março, pelas 12 horas, na Rua Tomás Ribeiro, n.º 50-2.º andar, em Lisboa:

1. Discutir e votar o relatório, balanço e contas relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1969, apresentados pelo Conselho de Administração, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal;
2. Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1970-1972;
3. Dar cumprimento ao artigo 16.º dos Estatutos.

Lisboa, 9 de Março de 1970

O Presidente da Assembleia Geral,

Pela LUSOTUR — Sociedade Financeira de Turismo, S. A. R. L.,

a) ALBERTO SARAIVA E SOUSA

Cantinho de S. Brás...

Tempestade num copo de água

HOUVE da parte da mocidade que se sentiu alvejada com o meu artigo sobre a «Decadência do Clube», uma reacção que me deixou perplexo, confundido e penalizado, pela errónea interpretação do texto. Só quem tenha propósitos acintosos e má fé deliberada, pode levar o sentido das frases para um campo diametralmente oposto ao que idealizei.

Desejava para e simplesmente — não o escondo — dar uma chicotada psicológica, que despertasse o brio da juventude que frequenta o clube. A meu ver (estarei errado?) pertence-lhes a restauração da colectividade, pois são os seus únicos frequentadores. Nós, os poucos associados, alhedon-nos da sua vida nocturna, mas continuamos a liquidar o tributo, para que ela ainda respire na santa miséria dourada a que chegou.

Eu sei das suas inúmeras dificuldades, sobretudo financeiras. Deixam-se devolver recibos de jornais. A senhoria vem de propósito receber a renda, e bate a todas as portas. A dívida, a um antigo director (o actual diz-se que também está «encravado») supponho, continua a aguardar liquidação. Em suma, um desastre e um caso sério. Imaginava que o saldo negativo na data da posse dos jovens, teria diminuído parcialmente. Mas parece que não e a situação, pelo contrário agravou-se. Continuo a acreditar nos jovens, mas sei que não podem fazer milagres. Os culpados não seremos todos nós que voltámos as costas à agremiação? Poderá alguém contestar o estado de abandono e a falta de higiene que vai no sombrio edifício? Seria afirmar que o preto é branco, ou vice-versa.

Desejo esclarecer e acentuar que no período onde frisei «frequências suspeitas», me lembrei de um baile onde jogara uma rabanada de olho à assistência. Vi muitas pessoas à vontade como se estivessem em terreno conquistado, tenho as minhas fortes dúvidas quanto à legalidade do seu ingresso, e prestígio da sua presença. Também me informaram que os rapazes praticavam um «desporto» que considero altamente nocivo. Como particularmente já disse do que se trata, pergunto se haverá dúvidas em que a razão está do meu lado.

Outro caso que suscitou reparos, foi a referência a festas íntimas, onde a mocidade não seja incomodada pelos olhares inquisitoriais da velhice caturra que parecem raios X. Desta opinião ninguém me desbanca, nem diante de um pelotão de fusilamento. Já há jovens, amigos, e nos meus tempos, como hoje, havia os mesmos divertimentos, as mesmas paizonetes e derriços. Andava-se pelo beicinho numa roda viva, pingando amor às carradas. Quando havia bailaricos particulares (hoje são «assaltos» com nomes e bebes, outro luzzo) piqueniques, passeios ao campo,

era o fim do mundo. Creio que nada mudou neste aspecto. Tínhamos mesmo aversão mal dissimulada, pelas «desmancha-prazeres», e pelos olhares mortíficos da velhada alcoviteira. Vocês então, gostam da sua presença? Não me digam. Que engraçado.

Os tempos são outros, mais evoluídos, há novas conquistas, e os direitos e deveres são iguais. O sexo não impõe obstáculos, pelo menos não se dá por isso. Há liberdade à farta. Barreiras sociais, e todo o fosso que existia, desapareceram, e ainda bem. E se aparece um ou outro caso esporádico, mas raro, os vossos sentimentos de camaradagem anulam-nos inteligentemente. Como posso então levar a sério o pretensio sentido que deram ao trecho onde a palavra intimidades teve honras de vedeta?

Há decerto quem pesque em águas turvas e deseje insidiosamente conflitos, insinuando que eu escrevera um malabrimo de palavrado sujo e imoral, quando verdadeiramente não me passou pelo espírito tal ideia. Pois se as conheço, gentes pequenas, se acompanharam a par e passo a vossa meninice, puberdade e adolescência. Se as vi crescer dia a dia recebendo os vossos cumprimentos gentis, por que carga de água iria correr estupidamente o riscão de perder a vossa amizade que me desvela? Vós lutais pelos vossos problemas, por um lugar ao sol, e será legítimo que tenhais aspirações sentimentais. Quem vos pode negar esse direito? Simplemente quem boa cama faz, nela se deitará. E com vocês, e ninguém tem nada com isso, à excepção dos vossos progenitores. Todos, aliás, me distinguem com laços de amizade e consideração.

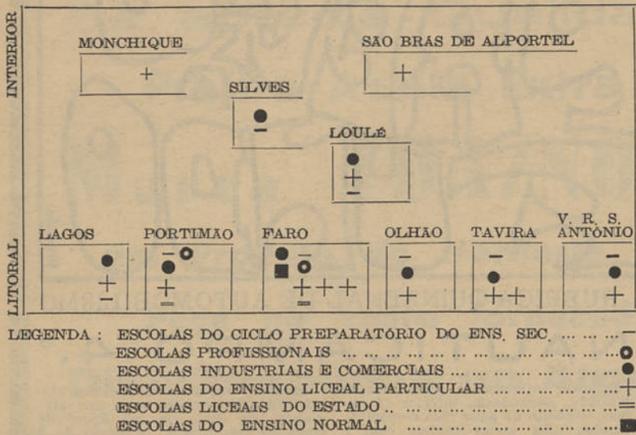
Se vos ofendi o brio, se num momento de desespero por encontrar o clube com a corda no pescoço insinuei que tinham falhado, creiam que me trilou a vagueza esperança de uma reacção positiva. Eis o que me inspirou, e nada mais. O resto é sensacionalismo doentio. Aprovo a diligência que está em projecto no sentido de integrar o clube na FNAT. Mas isso vai mesmo por diante? Iremos fazer nova chamada às nossas energias para salvar a colectividade, cujo nome se identifica com os nobres sentimentos de Pátria, Liberdade e Independência?

Não, vos peço desculpa num acto solene de contrição, ajoelhado e arrependido, porque em consciência não vos maculei. Precipitaram-se, julgando-me mal. Eu é que me sinto ofendido mas estão todos perdoados, sem ressentimentos. Sejamos amigos e dignos uns dos outros.

F. CLARA NEVES

TINTAS «EKOELSIOR»

DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS DE ENSINO PÓS-PRIMÁRIO EXISTENTES NO ALGARVE



COMUNICADO

A. MENDES OSÓRIO, LDA.

Aparelhagem para Audiometria, Correção da Surdez e das Perturbações da Audição

COM OS CUMPRIMENTOS, COMUNICAMOS QUE UM ESPECIALISTA NOSSO SE ENCONTRARÁ EM:

Faro: No domingo, 12 de Abril, na Pensão Residencial Condado, Rua Gonçalo Barreto, 14, das 15 às 17 horas.

Vila Real de Santo António: Na segunda-feira, 13 de Abril, no Posto Médico dos Bombeiros, das 14 às 16 horas.

Portimão: Na terça-feira, 14 de Abril, no Hotel Globo, Rua da Guarda, 26, das 15 às 17 horas.

Efectuará, sem qualquer despesa ou compromisso, experiências com a aparelhagem auditiva mais moderna, verificando também a adaptação e funcionamento das próteses já fornecidas.

Av. António Augusto de Aguiar, 183, 1.º Esq. LISBOA 1 Tel. 533313

ARQUIVO

LAGOS: Um depoimento (1969) do brigadeiro Costa Franco, presidente da Câmara Municipal

No concelho de Lagos existem, actualmente, dois estabelecimentos de ensino não primário:

- Escola Industrial e Comercial de Lagos;
- Externato Gil Eanes.

Na primeira são ministrados os cursos técnicos de montador-electricista, serralheiro, carpinteiro-marceneiro e formação feminina e ainda, até ao ano escolar findo, o curso do ciclo preparatório, denominado Escola Preparatória Dr. Júlio Dantas.

A capacidade da Escola Industrial é já reduzida para o número de alunos. Assim, com vista a possibilitar-se uma maior frequência escolar a Escola Preparatória deverá ser instalada, no próximo ano escolar em prédio particular a adaptar para o efeito, estando neste momento a ser feitas consultas a empreiteiros para execução das respectivas obras.

Nota-se a falta da instalação do Curso Geral de Comércio que nos parece da maior necessidade dado o desenvolvimento do concelho. Actualmente existe o curso complementar de aprendizagem de comércio.

O número total de alunos matriculados em 1968-1969 foi de 571.

No Externato Gil Eanes têm sido ministrados o curso liceal (1.º e 2.º ciclos). A partir do próximo ano, em virtude da extinção do 1.º ciclo liceal, será este substituído pelo curso unificado da Telescola, continuando a leccionar o 2.º ciclo. O Externato luta com dificuldades não só no que respeita à parte financeira como também quanto às instalações que já são deficientes.

Cremos que seria da maior utilidade a criação, para já, de uma secção do Liceu de Portimão, enquanto não for possível a instalação de um liceu, justificado pelo crescente aumento da população escolar e ainda porque parte dessa população é forçada a deslocar-se à vizinha cidade de Portimão com os inconvenientes que daí resultam não só para as economias familiares como para a formação dos próprios estudantes.

O Município colabora sempre, na medida das suas fracas possibilidades, no desenvolvimento do ensino no seu concelho, subsidiando as caixas e cantinas escolares, a Escola Industrial e Comercial e procura dotar as diversas povoações e lugares com escolas primárias devidamente apetrechadas.

A Câmara Municipal está, actualmente, em negociações com vista à aquisição de terrenos destinados ao equipamento cultural e desportivo por forma a facilitá-lo. Assim, parte deste terreno será destinado às instalações definitivas do ciclo preparatório do ensino secundário que, como se referiu antes,

funcionará nos próximos anos em edifício adaptado para o efeito.

Lagos, 28 de Julho de 1969.

O presidente da Câmara, José António de Almeida Costa Franco, Brigadeiro da F. A.

II PARTE (DEPOIMENTO PARA A OPINIÃO PÚBLICA)

Os obstáculos que, na minha opinião obstem a uma eficácia do ensino são: O nível cultural baixo das famílias donde provêm os alunos, exige um trabalho extenuante aos professores para conseguir modificar a maneira de ser da população escolar que vem da camada rural. Depois os precários meios pedagógicos com que lutam os estabelecimentos de ensino, principalmente o particular, por falta de rendimentos próprios.

A escola não tem possibilidades financeiras para proporcionar aos jovens os meios de se interessarem por um nível mais perfeito da sua cultura.

Criar um ambiente de tranquilidade económica ao professor de modo a lhe dar garantia para o estímulo à sua docência espontânea aos alunos e ao mesmo tempo estipulada superiormente. Isto não exclui uma adequada preparação antecipada dos professores.

Mediante as ideias expostas no n.º 3, certamente as consequências de melhoria nos hábitos e costumes do corpo docente, levá-lo-á a assumir e a pedir-se-lhe responsabilidades de um aperfeiçoamento em todas as actividades escolares.

Penso que o número de escolas secundárias e médias no Algarve, principalmente do ensino particular, se forem amparadas e subsidiadas pelo Estado, como é seu dever, soluciona o problema do ensino no meio rural, onde se faz sentir a falta da protecção à população menos favorecida economicamente.

Neste concelho não existe outro estabelecimento de ensino secundário e médio, por isso considero dever do Estado, numa próxima revisão no planeamento do desenvolvimento do Ensino Regional, uma atenção especial para que esta população escolar, oriunda do meio rural, fosse beneficiada economicamente.

Acho viável e necessária a acção do psicólogo ou outro técnico especializado, para resolver problemas escolares que por vezes aparecem.

Normalmente o estudante algarvio não vai bem preparado para as escolas superiores, ou até para o trabalho profissional, isto, na minha opinião, porque a maioria dos estudantes não procura cultivar-se, mas sim procura a «médias» (nota). — J. A. A. C. F.

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

O Dia Mundial da Mulher celebrou-se na sexta-feira, 13, no Círculo Cultural do Algarve. As paredes das salas estavam decoradas com grandes fotografias representando mulheres de todos os continentes, idades e posições sociais. No gabinete reservado à leitura esteve patente uma exposição bibliográfica apenas de livros de autoras, tanto em prosa como em verso e sobretudo modernas, não faltando entre outras de tempos relativamente recuados, Sôror Mariana e a Marquesa de Alorna.

A conversa iniciou-se pela leitura das páginas do Código Civil relativas à posição jurídica da Mulher casada na sociedade portuguesa. A assistência, na qual se contavam bastantes elementos

jovens, debateu a situação da mulher portuguesa em relação ao meio social, ao marido e aos filhos. E chegou-se às seguintes conclusões:

- 1— Que é preciso a mulher estar presente nos Ministérios, nas Câmaras e nos Grémios para que sejam também vistos os problemas do ponto de vista feminino e que actualmente em muitas repartições e empresas, a mulher chega a chefe de secção e não passa a directora; não pode subir como o homem.
- 2— Que se houver melhores condições económico-sociais, não só a mulher como o homem ficarão emancipados e não limitados como estão actualmente.
- 3— Que sejam criados com a maior brevidade possível jardins de infância com professores competentes, para que os filhos da operária, da professora, etc. não fiquem ao cuidado de empregadas domésticas incompetentes.

4— Que é preciso acabar com a mentalidade muito conveniente a certos exploradores do trabalho feminino, de que a mulher é inferior ao homem. A mulher é diferente e o seu trabalho é útil e necessário na sociedade de produção, tendo de ser tratada quanto a remuneração e consideração sempre como o homem.

5— Que há vantagem para a sociedade, para a mulher e para o lar, em que ela trabalhe em casa e fora de casa.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

peçoas a quem vão substituindo os órgãos doentes — chega-se à conclusão de que o sacrifício é inútil, pois o termo é a negociação.

Esse o objectivo de uma organização como a ONU, mas, o que é mais grave ainda, a existência de armas destrutivas como as nucleares.

Um dia, chegaremos à conclusão de que todas as guerras são inúteis e nada resolvem, se os governos em litígio apelarem para um organismo internacional como as Nações Unidas e lhe obedecerem.

Porquê insistir no Médio-Oriente ou no Vietname em lutas de desgaste, se sabemos, de antemão, que nada ficará decidido sem a tal conferência de paz, quer ela se reúna em Nova Iorque ou em Paris? Só o respeito e o reconhecimento universais desta situação podem evitar que aconteça uma República da Rodésia, uma chacina de populações civis como em My Lai, ou uma contenda fronteiriça entre soldados chineses e russos.

Para isso, porém, repetimos, era necessário que todos os países estivessem representados na ONU, que esta tivesse força decisiva e fosse respeitada mundialmente e que, acima de tudo, se gerasse um clima de boa vontade, confiança e entendimento entre os povos.

A verdade é que estamos na era do diálogo, os próprios dirigentes de ideologias contrárias o reconhecem, embora diplomaticamente se recusem a aceitá-lo. Ou talvez a compreensão tenha de começar no íntimo de todos nós.

MATEUS BOAVENTURA

O FILME PORTUGUÊS «BELARMINO»

Vários sócios do Cine-Clube e do Círculo Cultural conversaram no sábado passado sobre o filme português «Belarmino», visto antes no salão de projecções do C. C. A.

Discutiu-se o ambiente social que permite uma exploração do homem marginal e o lado nefasto do desporto de competição. Todos concordaram que os próprios jogos olímpicos em que participam países evoluídos, são a negação do desporto como ele deve ser encarado e fez-se votos por que a mentalidade dos povos seja de molde a não consentir o crime contra a personalidade, obrigando o homem a ir além das suas forças para gáudio das massas e no interesse de alguns.

Vende-se

Horta, cerca de 8 alq. de sementeira, com motor, muitas árvores de fruto e casa de arrecadação, junto a S. Marcos da Serra.

Dirigir ao correspondente deste jornal em S. Marcos da Serra.

Filial Bosch agora também no Algarve

Ferramentas eléctricas para a Indústria e Construção Civil

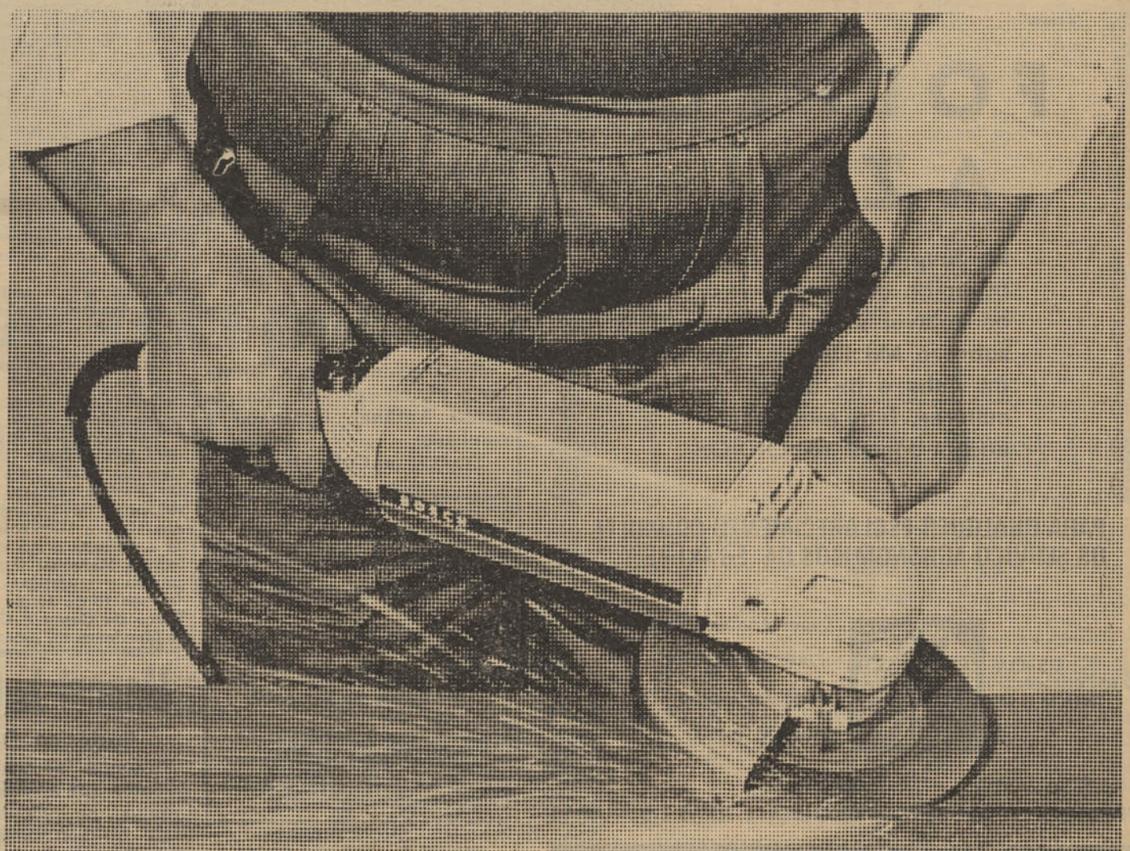
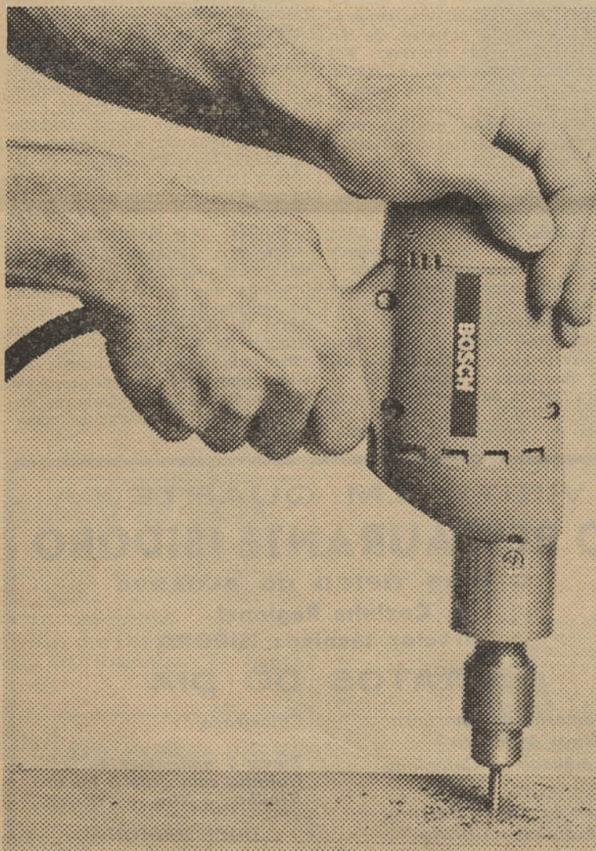
Para maior eficiência no fornecimento ao mercado, de ferramentas e equipamento para a indústria, a nova Filial Bosch agora inaugurada no Algarve proporciona aos estabelecimentos e directamente ao público desta Província a pronta distribuição de todas as unidades deste

ramo: ferramentas para oficinas metalo-mecânicas, carpintaria, serração e construção civil, Bosch Combi, equipamento de alta precisão, hidráulico, pneumático e electrónico. Bosch passa assim a estar ainda mais presente em toda a Província Algarvia.

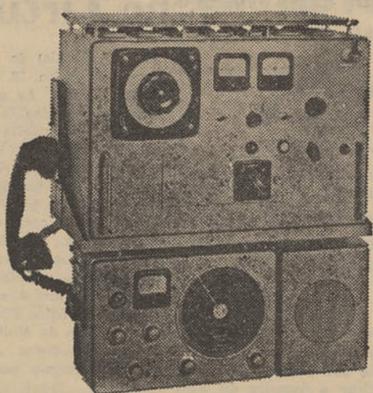
Robert Bosch (Portugal), Lda.
Rua Infante D. Henrique, 87 a 91
Telefones : 23067/8/9 — FARO

Mais um elo da grande rede mundial de vendas

BOSCH



Sailor RADIOTELEFONES DE 2 A 100 W.



REPRESENTANTES
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

ESCRITÓRIOS • ARMAZÉNS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 54 A-G - LISBOA - TELEF. 66 77 94/8

Ministério das Obras Públicas Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos Direcção dos Serviços Marítimos Divisão de Obras

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DAS «OBRAS DE DEFESA DA PRAIA DE QUARTEIRA — 1.ª FASE»

1. Faz-se público que se encontra aberto o concurso em epígrafe, sendo:

- a) o preço-base de 5 000 000\$00;
- b) na Direcção dos Serviços Marítimos da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, em Lisboa, onde o processo de concurso pode ser examinado ou dele obtidas cópias autenticadas;
- c) o alvará mínimo exigido o da 2.ª classe da 2.ª subcategoria da II categoria;
- d) o montante da caução provisória de 125 000\$00;
- e) a realização do acto público do concurso na Direcção dos Serviços Marítimos, à rua das Portas de Santo Antão, n.º 179, em Lisboa, às 15 horas do dia 30 de Abril de 1970.

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, 13 de Março de 1970.

O Engenheiro Director-Geral,

a) ARMANDO DA PALMA CARLOS

Cartório Notarial de Vila do Bispo

A cargo do Notário Licenciado
Manuel Bernardo Amarelo

Caneco & Lino

Certifico, narrativamente, para fins de publicação, por escritura de 9 de Outubro de 1968, lavrada de folhas 8 V.º, a folhas 11, do livro de notas para escrituras diversas N.º A-6, deste Cartório, António da Luz Lino e Joaquim Inácio Caneco, únicos sócios da sociedade comercial em nome colectivo mencionada em epígrafe, que tinha o capital de 50 000\$00, dividido em duas partes iguais, uma de cada sócio, e que era possuidora de bens imóveis, dissolveram a mesma sociedade, de mútuo acordo, tendo ficado adjudicado ao sócio António da Luz Lino, todo o activo da sociedade dissolvida, com as respectivas licenças, alvarás e outros direitos inerentes, com a obrigação de pagar todo o passivo, e tendo sido entregue ao outro sócio a parte que lhe pertencia, em dinheiro.

Está conforme o original e declara-se que na parte omitida nada há em contrário ou além do que na certidão se narra ou transcreve, o que certifico.

Cartório Notarial de Vila do Bispo, 11 de Março de 1970

O Ajudante do Cartório,
José Vítor Leal Mateus



Combata o MÍLDIO da VINHA
com
FOLPEC AZUL

um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MÍLDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS SERVIÇO AGRONÓMICOS DA SAPEC

LISBOA
R. VITOR CORDON, 19
TELEF. 36 64 26



Depositário em FARO:
JOÃO INÁCIO
Horta das Figuras
Telefone: 2 40 00

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

Camas Vendem-se

Tipo hotel, modelo americano, 10 camas individuais formando 5 de casal, com os respectivos colchões de Lusoespuma em estado novo.

Trata Joaquim Manuel Gonçalves Pontes — Café Central — Telef. 65230 — Quarteira.

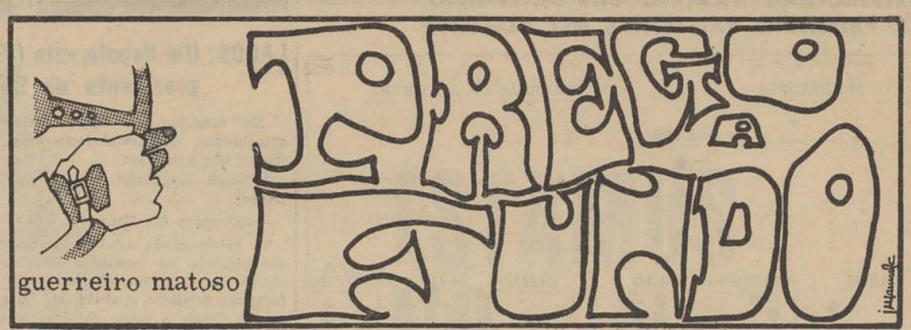
Sorvetaria FIRM O Precisam-se

Empregadas para a Sorvetaria Firmo em Vila Real de Santo António. Ordenado a combinar.
Tratar: no Café Firmo.

Emídio Sancho

Médico especialista
Doenças das Crianças
Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada
Cons.-R. Reitor Teixeira Guedes, 8-1.º
Telefone 22 967
Resid.-Tels. 22958-422 93 FARO

TINTAS «EXCELSIOR»



RUBRICA QUINZENAL DE AUTOMOBILISMO F. I. L. - NAUTICAMPO 4.º

Inaugurado no dia 5 deste mês o 4.º Salão Nauticampo foi inequívoca prova do crescente interesse que, na era das grandes aglomerações urbanas e da tomada de consciência generalizada da rápida degradação do habitat terrestre, o grande público parece dispensar às actividades recreativas ao ar livre; este ano a assinalar o ter-se batido o «record» de visitas ao certame.

As novidades propriamente ditas escassearam mas o volume de material exposto aumentou sensivelmente em relação aos anos anteriores, e mesmo sob o ponto de vista comercial também se registou significativo incremento.

Logo à entrada, um modelo idealizado pelo arquitecto Alfredo Saugareau, para motonáutica, com umas linhas harmoniosas mas de uma harmonia agressiva, misto de segurança e aquodinâmica; esta a nota de cunho mais inovativo patenteada pela «Indústria» nacional na exposição.

Já dentro do salão principal, do lado esquerdo, um pequeno lar à vela, dos estaleiros espanhóis Mistral, sobressaía não tanto pelo tamanho que os havia maiores, mas pelo

equilíbrio interessante entre manobrabilidade, acomodação interior (4 camas, depósito de água com respectiva bomba, uma «sala» comum com 1 mesa adaptável) e preço (116 000\$00, sem contar com os impostos, pois não está ainda fixada taxa de importação); saído há já cerca de 4 anos o Super Mistral de casco em fibra e que pode ser equipado com um motor auxiliar de 2-6 cavalos, deixou-me, pelos factores apontados muito boa impressão. Mais adiante, era o «Império das roulettes»: mesmo para quem não tem grande predilecção pelas castas ambulantes a «empachar» o andamento dos carros, é de reconhecer o incrível requinte de roulettes como a Sprite Major, a Eurocamper e a Eccles... E quem gostasse do caravanismo encontrava muito por onde escolher desde os modelos (não muito) económicos até aos outros (ainda menos) não-tão-económicos.

A Polinave (embarcações em fibra de vidro) apresentava uma completa colecção de barcos de recreio para vários gostos, a taxa de maioria de «novidades» (novidades de fabricação, convencionais de concepção), a partir de cerca de 4 000\$00.

Para os «fregueses» de maiores disponibilidades também havia uns iate-zinhos tais como um tal Fjord de cerca de 500 contos, equipado de 2 motores Penta Volvo (também presentes num stand à parte, da Volvo), que, claro, de forma alguma se podia comparar ao Super Mistral, que ao pé do Fjord parecia um galinheiro, mas evidentemente destinado-se a actividades e compradores diferentes...

De resto havia também um stand do serviço de prevenção nas praias, de vários clubes, e novamente no stand Aquasport um SE-227 equipado com um motor Carniti 55 que junto ao outro (igual da entrada são 2 dos 3 únicos exemplares existentes do arq. Saugareau.

No conjunto uma relativa evolução relativamente aos certames anteriores a reflectir um efectivo incremento pelas actividades (se não para praticar pelo menos para sonhar...) saudáveis (por enquanto, e não em toda a parte) ao ar livre, de iniciativa que outrora caracterizou os nossos empresários e que agora apenas se encontra nas caricaturas nacionalistas dos nossos compêndios de história...

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL PORTUGUESA (conclusão)

Perspectivas futuras

De tudo o exposto nos números anteriores se antevê qual o caminho imediato e desejável a seguir pela nossa indústria automóvel: condicionada a uma montagem mais ou menos incorporada de trabalho e material nacionais, são sobretudo estes dois aspectos que urge coordenar no sentido de um acréscimo da taxa de aumento de incorporação. De facto a percentagem por ela atingida em Portugal é irrisória comparada com a da quase totalidade dos países, sendo a medida mais sensata a tomar, sem dúvida, a do aumento progressivo obrigatório e discriminado (baseado num estudo atento da nossa capacidade industrial) das peças de fabricação portuguesa a incluir nos modelos montados no país.

Contudo a médio e a longo prazo, as necessidades e a desenvoltura expectável da indústria portuguesa, conduzirão naturalmente à formulação mais directa do problema da existência dum automóvel de concepção e fabrico nacionais, não no sentido legal de 60% de incorporação mas na própria acepção do termo.

Surge, assim o chamado problema do Automóvel português. Em primeiro lugar pergunta-se: está a indústria nacional preparada para satisfazer as necessidades quanto a capacidade técnica que estão na base do fabrico de um veículo automóvel?

Por muito que se possa duvidar das nossas potencialidades, é um facto que o material humano de que dispomos (técnicos superiores, engenheiros, desenhadores) está normalmente apto a, com a devida especialização (que pode obter-se no estrangeiro), poder desenvolver projectos e peças de qualidade acima da média. Por outro lado, lembre-se que um Automóvel Português não implica que seja um veículo 100% português, pura utopia irrealizável ou pelo menos de rentabilidade duvidosa; aliás não deve haver um único fabricante mesmo em países alta-

mente industrializados que não importe esta ou aquela peça (por exemplo a fábrica francesa de carburadores «Solex» exporta para grande número de fabricantes de automóveis, até mesmo para «os colossos» dos E. U. A.).

Outro facto que importa salientar é o futuro que se antevê brilhante para o automóvel eléctrico, dada a crescente necessidade de evitar a poluição, mormente nas grandes cidades. Aliás, uma vez ultrapassada a fase experimental, e especialmente após se descobrir uma forma de utilização prática de energia eléctrica a partir de hidrocarbonetos (ou os interesses das indústrias petrolíferas) indubitavelmente que se assistirá a um «boom» no fabrico de veículos utilitários eléctricos, aliás já produzidos em pequenas séries nos Estados Unidos e no Japão. E é na investigação de novos métodos de fabrico de baterias de acumulação que está uma das grandes possibilidades de aproveitamento do nosso potencial humano (principal riqueza dos países ditos «em vias de industrialização»).

Mais mesmo dentro do automóvel convencional, o quadro exposto nos artigos precedentes leva a alimentar esperanças quanto à idealização de um mercado interno (e este interno, que quanto à Metrópole atingirá aproximadamente 70 000 veículos, encontra no Ultramar um consumidor a considerar qualquer que seja a nacionalidade europeia) suficiente para permitir a montagem de uma indústria automóvel, nacional de facto, iniciativa que certamente o Governo teria o maior interesse em estimular. Deve em abono da verdade citar-se que os interesses japoneses parecem movimentar-se no sentido de montar em Portugal uma fábrica neste estilo...

O repto está lançado! Falta a catedral.

Chá de perícia

Num chá-dançante (chá não houve, e dança muito pouca...) realizado no

último domingo em Portimão na Residencial Mirafloja foram tornados públicos oficialmente os resultados da prova de perícia que o Racial Clube organizou a reverter para a Comissão dos Septanistas (e não sextanistas...) do Liceu Nacional de Portimão; entregaram-se os prémios, falou-se do I Critério de Perícia do Algarve, da «Volta», e teve oportunidade de trocar impressões com um desportista finlandês, o sr. Pertti Pohjanieni, radicado recentemente na nossa Província, as quais serão publicadas no próximo número.

O 1.º lugar coube a José Matos, em Morris 1000 (1) e o 2.º a Antero Salazar d'Éca (sempre segundo...) em NSU TTS.

XXI Volta a Portugal Vitória da eficiência

Marcada nas últimas edições por acontecimentos que abalaram sensivelmente a confiança do público no equilíbrio estrutural da organização, a nossa «clássica» de rallies foi uma autêntica rosalva à viagem isolada de Romãozinho na volta do ano passado.

Se bem que as condições atmosféricas fossem absolutamente excepcionais, a prova não deixou de mostrar a habitual dureza, que teria sido excessiva noutras condições.

O troço algarvio que compreendia a parte mais importante da 1.ª etapa — a barragem do Arade — deu azo às primeiras penalizações: Jorge Nascimento, que alcançou o 1.º lugar na floresta do Arade, fez uma prova muito boa, infelizmente interrompida por se ter partido um semelhe do BMW (era exigido demais dum Grupo 1.º). A parte isto, Van Bergen, habituado ao piso seco dos rallies sul-africanos, mereceu uma perfeição máquina-condução-navegação foi um vencedor justo da XXI Volta a Portugal em Automóvel.

Classificações: 1.º E. Van Bergen-Minota V. Bergen, Datsun 1600 SSS; 2.º Adolfo Sampaio-S. Carvalho, Lancia HF; 3.º Couto Fragoso-Castelo Branco, BMW 2002; 4.º Nascimento Costa-E. Saralva, Datsun 1600; 5.º Luís Neto-Iolanés, Austin Cooper S.

Na hora de prestar contas

(Conclusão da 1.ª página)

Ihorias efectuadas no caminho de acesso ao Cerro de S. Miguel, a construção do acesso ao Barranco de S. Miguel e a electrificação deste.

No capítulo da instrução, foram feitas exposições no sentido de se apressar a construção do edifício da Escola Técnica, reconhecendo-se que os imóveis agora ocupados pela mesma escola não oferecem um mínimo de condições para tal fim.

Espera-se que fique resolvido no decurso deste ano o problema resultante de ter chegado ao término a concessão à Aliança Eléctrica do Sul do abastecimento ao concelho de energia em baixa tensão.

No que respeita a saúde e assistência, nota-se considerável aumento de despesas, que em 1968 foram de 460 contos e em 1969 atingiram 704 contos.

Quanto a obras, concluiu-se a reparação das E. M. 516-3 (Poço Longo) e 514 (Foupana) 1.ª fase, construiu-se o desvio do Cerro para o Barranco de S. Miguel, revestiu-se a betuminoso o desvio do cemitério em Quelfes e o do lavadouro em Pechão, foram reparados os caminhos do Laranjeiro, Brancas, Glão e Maragota, pavimentada e saneada a rua de ligação dos bairros Marechal Carmona e Económico e revestidas a betuminoso as ruas 18 de Junho, da Trindade, Vasco da Gama e Capitão Carlos de Mendonça na sede do concelho.

Foi brilhante e agradável a confraternização dos são-brasenses em Setúbal

(Conclusão da 1.ª página)

Impulsionador destes encontros, comunicou a ausência do governador civil do distrito e aos brindes voltou a usar da palavra, congratulando-se com a presença de tão elevado número de convivas. Foi lembrada a necessidade da criação em Lisboa de uma sede para o Grupo dos Amigos de São Brás de Alportel, que podia auxiliar muitas crianças naturais do concelho, com propensão para o estudo. Os estatutos da criação do Grupo vão ser estudados e sujeitos a aprovação. Fez-se, depois, um minuto de silêncio pela memória de João Dias Sanches Júnior, um são-brasense dedicado, recentemente falecido e foram lembrados os soldados que prestam serviço nas nossas províncias ultramarinas.

O dr. José Paulo Pereira Machado fez o elogio a São Brás e sugeriu que, dada a proximidade da quadra festiva da Páscoa, se fizesse um peditério para auxiliar os pobres do concelho. A iniciativa

realizou-se e o peditério rendeu mais de quatro mil escudos. Mais tarde foram postos em leilão botões de punho, de prata, com o emblema do concelho de São Brás de Alportel, tendo sido arrematados, no total, pela importância de quatro mil e trezentos escudos. Estas verbas vão ser distribuídas naquela vila com fins benéficos.

O dr. Alberto Miguel Andrade e Sousa, após várias considerações de índole bairrista, dirigiu saudações à Imprensa, e falaram, ainda, os srs. Virgílio Frade da Cruz, Horácio Gomes, D. Elisa de Carvalho e Manuel Pires Mendonça.

Encerrou a reunião o contra-almirante Sousa Uva, que aceitou a proposta que lhe foi endereçada, no sentido de ser o futuro presidente da direcção do Grupo dos Amigos de São Brás de Alportel, afirmando que todos unidos deviam pugnar pelo franco progresso do concelho e por outras realizações de ordem cultural e recreativa.

**VISITE EM QUARTEIRA
O RESTAURANTE ISIDORO**
O MAIS TÍPICO DO ALGARVE
Cozinha Regional
director técnico: ISIDORO
PRATOS DO DIA

Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Bife de atum à Barraca
Sardinhas na Brasa

Caldeirada
Favas à moda do Algarve
Galinha com grão à Isidoro
Ervilhas à Rita

DOCE REGIONAL

Se aprecia Qualidade
Prefira Azeite Extra (Virgem)
Marca TUA/NORDESTE
um Produto do Nordeste Transmontano
Peça no vosso fornecedor habitual
Distribuidores no Algarve
Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.
PORTIMÃO LOULÉ
Telefone, 123 Telefone, 62002

CORREIO de LAGOS

Faz-se luz sobre o jardim da Porta da Vila

Recentemente tivemos a satisfação de ser esclarecidos pelo sr. presidente do Município, de que o jardim da Porta da Vila, fazendo parte do plano de urbanização da zona que vai do baluarte à E. N. é do domínio público. Observámos então que feito o mesmo sem prejuízo do caminho que do baluarte ia à escadaria no talude da E. N., não teria havido motivo para descontentamento dos muitos munícipes que o utilizavam, e foi-nos dito que a eliminação do caminho, especialmente, evitar que as crianças utilizem a escadaria, pelo perigo que às mesmas oferece o trânsito Lagos-Sagres e vice-versa. Desta justificação resultou repararmos que o acesso para as crianças que frequentam a escola é feito junto à estrada de que o C. I. C. A. dispõe para o movimento de entrada e saída de viaturas, não é o mais aconselhável. Foi-nos dito que as viaturas naquela zona, regra geral, transitam com velocidades mínimas. Posto o que fica, e ainda que não seja fácil remediar o mal do caminho não ficáramos de bem com a consciência sem repararmos que se as coisas e quando do troço da estrada, se tivessem encaminhado como a prática aconselha, em vez de escadarias nos taludes teríamos um túnel destinado a passagem de peões e agora, por muitos planos que se elaborassem, não seria natural a eliminação dum caminho que data de tempos remotos, e uma vez utilizado por túnel, bem serviria tudo e todos. O desinteresse pelas coisas de carácter colectivo vem de longe, está mesmo enraizado nos lacobrigenses, e se bem que o Município luta por algo fazer no sentido de atenuar o mal, os obstáculos surgem sempre, dificilmente se conseguindo dar um passo em frente.

Prossegue a acção da Mútua de Gado Bovino

Temos presente o relatório da direcção da Mútua de Gado Bovino do Conselho de Lagos, da gerência de 1969, e através dele vemos que apesar da ausência de apoio do Grémio da Lavoura local e da Direcção Geral do Trabalho e Corporações, a sua acção prossegue. E isto, porque conta com médico veterinário que se esforça por servir, e alguns carolas que abnegada e desinteressadamente vêm desempenhando cargos directivos durante anos e anos seguidos. Está mais que provado que sem carolas as associações de carácter utilitário como a Mútua de Gado, não vingam, permitindo-nos por tal chamar a atenção dos sócios em condições de dispensar as remunerações, para que se tornem carolas, para mostrar aos outros que mais faz quem quer que quem pode.

Os turistas e a pedincha

Talvez porque ainda há muitos lares sem condições dentro da comunidade, abundam as crianças sem formação que aqui e ali incomodam os turistas, assediando-os com o sistema de pedincha, na maior parte dos casos com trajos andrajosos e demonstrando que o asseio não é com elas. Tal espectáculo, que nos vexa, é de molde a afastar os que até nós vêm no desejo de desfrutar as belezas naturais da região. Sabemos não se dispor de estabelecimentos apropriados, em quantidade suficiente para dar a tais crianças o que carecem para poderem ser úteis à sociedade, mas se a repressão se impõe,

Vende-se em Olhão

Terreno em gaveto, no melhor local da vila, junto à Avenida da República, com projecto para dois estabelecimentos e quatro habitações. Dirigir ao Café Chaminé, em Olhão, das 18 às 19 horas.

RECHEIO DE CASA

Vende-se recheio de casa, composto de mobília de sala de jantar, quarto, sala de estar, candeeiros, etc. Trata na Rua dos Centenários, 43-2.º Dt., em Vila Real de Santo António.

Oferece-se

Motorista de ligeiros e pesados, com prática. Resposta ao n.º 12 746.

Um cinema será hoje inaugurado em Almansil

Tem vindo a conhecer grande progresso nos últimos anos a povoação de Almansil, e a ele não é estranho o impulso turístico. Além de modernos estabelecimentos comerciais, passa hoje a dispor de uma moderna sala de espectáculos, denominada Cinema Miranda. Ao acto inaugural assistem várias individualidades. De tarde haverá uma sessão gratuita para crianças das escolas primárias.

Terreno-Faro

Vendo junto ao Aeroporto. Trata o próprio. J. Caetano — Rua Eng. Quartim Graça, 15 r/c dt.º — Lisboa.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

JORNAL DO ALGARVE N.º 678 — 21-3-1970

TRIBUNAL DO TRABALHO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias para citação de quaisquer credores incertos para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução sumária em que é exequente a Caixa de Previdência do Distrito de Faro e executado José Campos Martins, residente na Rua Ferreira Borges, n.º 80-2.º, Lisboa e cuja execução corre seus termos pela 1.ª Secção da 3.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa. Lisboa, 28 de Fevereiro de 1970.

O Escrivão,

a) José Augusto Marques Figueiredo

Verifiquei a exactidão

O Juiz,

a) António Pires

COFRE

Monobloco, compra-se. Resposta a este jornal ao n.º 12.761.

Aluga-se

Casa mobilada, acabada de construir, na praia de Caceia, durante a época balnear. Resposta ao n.º 12 745 deste jornal.

Afinal era mentira

(Conclusão da 1.ª página)

que se criticava maldosa e irresponsavelmente o nosso jornal, mencionando-o pelo título, comentando-o e adjectivando-o. Ainda a mesma publicação achou que lhe assentavam bem as carapuças quanto às notas «Afinal era mentira» e «Nota da Redacção» de 7 de Março, e teve o desprazer de nos dirigir uma carta confessando o melindre da sua honra e exigindo uma reparação nos termos da lei de Imprensa.

Por muito fatigante que nos começa a ser o papel conselheiral, uma vez mais temos de investi-lo para chamar à razão os irresponsáveis que falam de leis que nem sequer conhecem.

Assim, para sua definitiva elucidação, registem que não há lei de Imprensa que nos obrigue a publicar insultos; que só existe direito de resposta para quem tiver sido atingido por ofensas directas ou referências de factos inverídicos ou erróneos; que o Jornal do Algarve não fez alusão directa a essa revista nem referência a factos inverídicos ou erróneos. Ao contrário, procurou esclarecer a opinião pública sobre factos inverídicos ou erróneos publicados na citada revista — e que até agora não foram desmentidos; que tendo a revista feito alusões directas ao Jornal do Algarve susceptíveis de afectar a nossa reputação, seria este e não aquela que teria o direito de resposta.

Posto este esclarecimento, publicamos ao lado a carta recebida do «Algarve Ilustrado».

Resta-nos acrescentar que, nos termos da mesma lei da Imprensa (parágrafos 3.º e 4.º do artigo 53.º do Decreto 12 008) vamos debitar aquela revista, pela tabela de publicidade, o espaço em que a sua carta excede o ocupado pelas referidas notas.

TOROS DE PINHO

Compram-se para exportação, telefone 72895 de Olhão ou Rua da Fábrica da Loíça, n.º 8.

(Conclusão da 1.ª página)

exigindo, nos termos da lei de Imprensa, uma reparação com idêntico relevo, em colunas, tipos de letra e local, ao concedido aos citados artigos.

A nota intitulada «Afinal era mentira» acusa a nossa revista de «falsas notícias» e ainda de «confundir garotas» em biquíni com informação responsável, remetando esta afirmação com uma sentença: «Cada um no seu papel».

Por sua vez, a nota de redacção «Um certo ar conselheiral...» vai ainda mais longe e atribui a esta revista «falsa documentação fotográfica», a par de «tanta incoerência e desrespeito pelo leitor e pela informação em geral», concluindo com novas sentenças, como as de «irresponsabilidade, demagogia, superficialidade e exploração de sensacionalismo».

Um tal chorrilho de insólitos e ilógicos acíques e uma tão desmedida linguagem de ataque, evidenciam só por si o aborrecimento desse jornal perante a existência desta revista. Pela nossa parte, pelo contrário, o crescimento e o progresso do Jornal do Algarve é motivo de mais viva satisfação — conforme assinalava a primeira página do nosso n.º 7 na nota «Uma pausa necessária».

Mas, porquê aborrecimento? Porque, para além das ironias do comentador de «Afinal era mentira», goza a nossa revista, efectivamente, de «reconhecida seriedade e larga divulgação»?

A competição é a grande via do progresso dos povos, das ciências, das artes, da indústria, de tudo quanto existe sobre a terra ou se ergue para o espaço. Mas um mínimo de bom senso e de formação cívica só lança a competição, só a aceita ou estabelece, com pleno respeito pela verdade e pelas pessoas.

Ignorando estes princípios, o autor ou autores dos dois comentários em questão preferiram levantar uma poeirada de insultos e insinuações com fins inconfessáveis. Quanto à raiz do problema levantado, essa esqueceram-na rapidamente. E ou não é Quarteira uma vila-mártir abandonada aos temporais? Onde e como mentiu o «Algarve Ilustrado» na reportagem publicada com este título? Onde a falsa documentação fotográfica?

Pela imaginação do leitor desprevenido passou, perante as diatribes lançadas por esse jornal, a imagem de vis fotógrafos usando trucagens, transformando o preto no branco, e tudo, Santo Deus, para vender uma revista que confunde garotas em biquíni com informação responsável... Ah, algarvios degenerados, porque foram criar uma revista quando já existia um jornal que pontificava na Província e que dizia tudo para toda a gente?

Pois, sr. director, pese o desgosto e o aborrecimento do infeliz crítico que em dois números sucessivos se lançou de lança em riste contra nós, o que a nossa revista publicou no número 12, de Fevereiro passado, não é sensacionalismo, não é mentira, não é informação irresponsável. Mais ainda: Quarteira merecia uma reportagem ainda mais completa do que aquela que saiu, com fotografias dos estragos do temporal deste ano e do ano findo. Essa honra coube ao nosso excelente colega «Folha do Domingo», no seu número de 31 de Janeiro. Um autor que usou simplesmente as iniciais F. C. soube retratar admiravelmente o problema de Quarteira, num artigo intitulado «Enquanto os homens sonham e prometem, o mar avança». Ali se conta com grande número de pormenores o drama de Quarteira, há dezenas de anos agonizante. O Jornal do Algarve pode desconhecer o que descreveu a Imprensa diária de Lisboa, pode desconhecer o que um colega da imprensa regional registou — mas a verdade, essa, não pode ser mascarada com falsas acusações de mentiras e diatribes de toda a ordem como as que foram lançadas contra esta revista.

Agradecendo a publicação da presente carta, na primeira página desse jornal, nos termos da Lei da Imprensa, somos com a maior consideração e apreço

De V. Ex.ª
 Atentamente

Joaquim Carlos Silvestre

Emílio Campos Coroa
 MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortóptica (gimnástica ocular) - Lentes de Contacto
 Consultas: Rua de Sto. António, 49-1.º Dto. — FARO

Em TAVIRA

Trespasa-se estabelecimento comercial amplo, em edifício próprio, no melhor local da cidade, podendo servir para qualquer ramo, incluindo o bancário.

Trata-se na Rua da Liberdade, 44.



Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam. Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar, exclusivamente para si UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
 Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME _____

ENDEREÇO _____

AO SEU SERVIÇO



Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura outorgada em 9 de Março de 1970 e lavrada de fls. 13 v. a fls. 22 v. do livro de escrituras diversas n.º 50 deste Cartório, entre, Cofaco — Comercial e Fabril de Conservas, Limitada; Sancho & C.ª, Lda.; Manuel Gil Fernandes Lapa; António Domingues Guerreiro; e Manuel Rodrigues Pereira, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a denominação de «COMPESCA — Companhia de Pesca do Sul, Lda.».

Art.º 2.º — A sua sede é em Vila Real de Santo António, no sítio do Lazareto.

§ único — Poderá a sociedade criar, mediante deliberação da Assembleia Geral, sucursais, agências, delegações ou qualquer outra espécie de representação, em qualquer localidade do País.

Art.º 3.º — O seu objecto é o exercício da actividade de pesca, sob qualquer forma, de sardinha e quaisquer outras espécies, bem como no exercício de actividades conexas com a pesca, designadamente a conservação pelo frio dos produtos da pesca, e, bem assim, qualquer outra actividade de que a Assembleia Geral delibere exercer e não seja proibida por lei.

Art.º 4.º — A sociedade é portuguesa e os sócios obrigatoriamente terão a mesma nacionalidade.

Art.º 5.º — O capital social é de 10 500 000\$00, encontra-se integralmente realizado e corresponde à soma das quotas dos seus sócios: Cofaco — Comercial e Fabril de Conservas, Lda., subscreve uma quota de 3 500 000\$00, sendo 100 000\$00 em dinheiro e 3 400 000\$00, representados pelos seguintes barcos: Uma traineira VR. 370 C. denominada «Infante»; a traineira n.º VR. 145 C. denominada «Sul»; um buque com motor, n.º VR 292 C., denominado «Finalmente»; um barco com motor n.º VR 338 C. denominado «Mariola»; um buque com motor n.º VR 356 C., denominado «Meia Noite»; um barco com motor, n.º VR 367, denominado «Meio Dia»; um barco n.º VR cinquenta e seis C., denominado «Tremelga»; um barco n.º VR cinquenta e sete C., denominado «Carapu»; um barco n.º VR 58 C. denominado «Lula»; um barco n.º VR 63 C., denominado «Lagosta»; um barco n.º VR 62 C. denominado «Arenque»; um barco n.º VR sessenta C. denominado «Vieira», todos registados na Capitania do Porto de Vila Real de Santo António, fazendo parte dos referidos barcos os seus respectivos aprestos de pesca, aparelhos localizadores, ferramentas e utensílios. O sócio «Sancho & C.ª, Lda.», subscreve uma quota de 1 650 000\$00, sendo 50 000\$00 em dinheiro e 1 600 000\$00 representados pelos seguintes barcos: Uma traineira número VR 440 C. denominada «Liberta»; um barco n.º VR 43 C., denominada «Nova Liberta segunda»; um barco n.º VR 44 C., denominado «Genica segundo»; um barco com motor n.º VR 11 C. denominado «Genica»; um barco n.º VR 45 C. denominado «Pato Bravo segundo»; um barco com motor n.º VR 336 C. denominado «Pato Bravo», estando todos estes barcos registados na Capitania do Porto de Vila Real de Santo António, fazendo parte dos referidos barcos os seus respectivos aprestos de pesca, aparelhos localizadores, ferramentas e utensílios. O sócio Manuel Gil Fernandes Lapa, subscreve uma quota de 1 970 000\$00, sendo 50 000\$00 em dinheiro e 1 920 000\$00 representados pelos seguintes barcos: Uma traineira n.º VR 393 C. denominada «Audaz»; um barco n.º VR setenta e seis

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo da Notária Lic. Jerónima do Carmo Godinho Vinagre

C. denominado «Audaz Segundo»; um barco n.º VR 26 C. denominado «Tonidio»; um barco n.º VR 74 C. denominado «Tonidio Segundo»; um barco com motor n.º VR 343 C. denominado «Anitinha»; um barco n.º VR 77 C. denominado «Anitinha Segunda», todos registados na Capitania do Porto de Vila Real de Santo António; e um barco n.º T 64 L denominado «Ruivo» registado na Capitania do Porto de Tavira, fazendo parte dos mencionados barcos os seus respectivos aprestos de pesca, aparelhos localizadores, ferramentas e utensílios. O sócio António Domingues Guerreiro, subscreve uma quota de 1 890 000\$00, sendo 50 000\$00 em dinheiro e 1 840 000\$00, representados pelos seguintes barcos: Um buque com motor n.º VR 341 C. denominado «Arenilha»; um buque a motor n.º VR 379 C. denominado «Barlavento»; uma traineira n.º VR 223 C. denominada «Maria Rosa»; um barco n.º VR 37 C. denominado «Barlavento Segundo»; um barco n.º VR 36 C. denominado «Maria Rosa Segunda»; um barco n.º VR 38 C. denominado «Arenilha Segunda», todos registados na Capitania do Porto de Vila Real de Santo António e deles fazem parte todos os aprestos de pesca, aparelhos localizadores, ferramentas e utensílios. O sócio Manuel Rodrigues Pereira, subscreve uma quota de 1 490 000\$00, sendo 50 000\$00 em dinheiro, e 1 440 000\$00, representados pelos seguintes barcos: Uma traineira n.º O 176 C. denominada «Leste»; um buque com motor n.º O 178 C. denominada «Nascente»; um barco n.º O 177 C. denominado «Nordeste»; uma chata n.º O 1029 C. denominada «Maroto»; uma chata n.º O 1030 C. denominada «Marau», todos registados na Capitania do Porto de Olhão, fazendo parte dos aludidos barcos os seus respectivos aprestos de pesca, aparelhos localizadores, ferramentas e utensílios.

Art.º 6.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, no entanto, os sócios fazê-las, se assim o quiserem, nos termos e condições a fixar em Assembleia Geral.

§ único — Se qualquer outro armador da pesca da sardinha pretender entrar para a sociedade, integrando os seus barcos na mesma, a Assembleia Geral deliberará o indispensável aumento de capital.

Art.º 7.º — No caso de cessação a qualquer título da quota ou parte da mesma, a sociedade em primeiro lugar e os restantes sócios em segundo, terão direito de preferência na sua aquisição.

§ 1.º — Para o efeito dos direitos de preferência consignados no corpo do artigo, o valor da aquisição será o que resultar do último balanço aprovado, acrescido da parte proporcional dos lucros não distribuídos e das reservas que não representem compensação de prejuízos previstos e não liquidados, e reduzida, também, da parte proporcional em qualquer diminuição que, posteriormente, ao balanço, tenha havido no valor do activo líquido.

§ 2.º — O sócio que pretender ceder a sua quota ou parte da mesma, comunicará, por escrito, à sociedade tal resolução, que no prazo de 45 dias, mediante deliberação da Assembleia Geral, decidirá se quer ou não usar do direito de preferência.

§ 3.º — Se a sociedade não exercer o seu direito de preferência, poderão os restantes sócios preferir nos 15 dias

imediatos à Assembleia Geral referida no parágrafo anterior.

§ 4.º — No caso de mais de um sócio querer preferir será rateada a quota ou parte da mesma, objecto de preferência, na proporção das quotas que já possuírem.

§ 5.º — É, porém, expressamente proibida a cessão ou alienação total ou parcial, por qualquer forma, de quotas a estrangeiros ou a sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, embora estas sociedades sejam nacionais quanto à sua constituição e sede.

Art.º 8.º — Poderá a sociedade amortizar qualquer quota nos seguintes casos: a) por acordo com os respectivos titulares; b) No caso de falecimento, interdição ou dissolução de qualquer dos seus sócios; c) No caso de penhora, arresto, ou quando haja de proceder-se a venda judicial de qualquer quota, ou ainda, em caso de falência, insolvência, concordata ou acordo de credores, ainda que extrajudicial, de qualquer proprietário de quotas.

§ único — Em caso de amortização de quotas o preço será o estabelecido no parágrafo primeiro do artigo sétimo.

Art.º 9.º — Se qualquer quota pertencer a mais de uma pessoa jurídica, os compartes nomearão uma de entre si que os representará junto da sociedade.

Art.º 10.º — A sociedade poderá adquirir quotas próprias ou de outras sociedades, bem como subscrever qualquer participação de capital noutra sociedade.

Art.º 11.º — A sociedade será gerida por três gerentes dispensados de caução, eleitos por períodos trienais, sendo sempre reelegíveis.

Art.º 12.º — A representação da sociedade, activa ou passivamente, compete a dois gerentes, da mesma forma que para obrigar a sociedade se torna indispensável a assinatura de dois gerentes.

§ único — Os actos de mero expediente, poderão ser assinados por um só gerente ou por qualquer procurador bastante.

Art.º 13.º — Para além das atribuições que lhes competem por força da lei ou deste estatuto, compete, especialmente, aos três gerentes: a) confessar, desistir ou transigir em qualquer pleito, e, ainda comprometer-se em árbitros; b) sob parecer favorável do Conselho Fiscal, adquirir bens ou imóveis ou semoventes, aceitar garantias, celebrar arrendamentos e aluguéis; c) constituir mandatários da sociedade, cujos poderes serão definidos no respectivo instrumento.

Art.º 14.º — Fica expressamente proibido fazer intervir a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e demais actos ou documentos estranhos às operações sociais.

Art.º 15.º — No caso de ser eleito para gerente um sócio que seja pessoa colectiva, esta será representada no desempenho do cargo por um dos seus gerentes.

Art.º 16.º — As faltas e impedimentos temporários ou permanentes de qualquer dos gerentes, serão supridas, quando se entenda necessário,

até à reunião da primeira assembleia geral, por deliberação conjunta dos restantes gerentes e do Conselho Fiscal.

Art.º 17.º — As remunerações dos gerentes serão fixadas em Assembleia Geral, tendo em vista o disposto no artigo vinte e dois.

Art.º 18.º — A fiscalização da sociedade incumbe a um Conselho Fiscal, composto de três membros e um suplente, com dispensa de caução, eleitos por três anos, podendo ser reeleitos por uma ou mais vezes.

§ único — A Assembleia Geral poderá, nos termos do artigo quarto do Decreto-Lei 49 381 de 15 de Novembro de 1969, confiar as funções do Conselho Fiscal a uma das sociedades definidas nessa disposição legal.

Art.º 19.º — A remuneração dos membros do Conselho Fiscal será fixada em Assembleia Geral, tendo em vista o estatuido no artigo vinte e dois.

Art.º 20.º — A Assembleia Geral reunirá ordinariamente nos termos da Lei, e, extraordinariamente, quando convocada por qualquer gerente, pelo Conselho Fiscal ou por sócio ou sócios que representem, pelo menos, a décima parte do capital social.

§ único — As Assembleias Gerais serão sempre presididas pelo Presidente do Conselho Fiscal, desde que esteja em exercício.

Art.º 21.º — A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de bilhete postal registado, dirigido a todos os sócios com, pelo menos, quinze dias de antecedência, expressando-se na convocatória, com toda a clareza, os assuntos que irão tratar-se.

§ único — Qualquer sócio poderá fazer-se representar na Assembleia Geral por outro sócio, conferindo-lhe a sua representação por escrito e com carácter específico para cada assembleia, devendo esta representação ser comunicada por meio de carta dirigida ao Presidente da Assembleia Geral com, pelo menos, oito dias de antecedência da data da sua realização.

Art.º 22.º — Os lucros líquidos anurados em cada balanço anual terão o seguinte destino: a) cinco por cento para fundo de reserva legal até ao montante estabelecido na lei; b) quinze por cento para remuneração aos corpos administrativos; c) até trinta por cento para a criação de Fundo de Reserva, cuja designação a Assembleia Geral indicará; d) o restante será distribuído pelos sócios conforme estipula o artigo vigésimo da Lei das sociedades por quotas.

Art.º 23.º — A administração, gerência e direcção da sociedade só poderá ser exercida por portugueses, ou como tal naturalizados.

Art.º 24.º — As quotas sociais nunca poderão estar sob a dependência ou orientação de estrangeiros ou sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, ainda que estas pela sua constituição e sede sejam nacionais, sob pena das mesmas quotas passarem para a posse do Estado.

Art.º 25.º — Se por sucessão legítima ou testamentária alguma quota ou parte dela ficar pertencendo a estrangeiros, terão estes de alienar a cidadão ou cidadãos portu-

gueses, dentro de seis meses a contar da data em que tenham entrado na sua posse efectiva, observando-se, porém, o estabelecido no artigo sétimo e seus parágrafos.

Art.º 26.º — A sociedade não poderá em caso algum, transferir a sua sede para fora do Território Português e a exploração que é o seu objecto, nunca poderá ser orientada em prejuízo da economia nacional em qualquer parte do mesmo Território.

Art.º 27.º — A sociedade fica, em todos os casos, submetida à legislação em vigor e sujeita a dar cumprimento a todas as requisições e ordens, por motivo de política interna ou externa, emanadas das Autoridades competentes, e, em caso de guerra, as suas embarcações ficam às ordens do Governo Português.

Art.º 28.º — Em todo o omissão regularão as disposições legais aplicáveis.

É certidão que fiz extrair e vai conforme ao original, declarando que nela nada consta que altere, prejudique, modifique ou restrinja o certificado.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, dezanove de Março de mil novecentos e setenta.

A Notária,

Jerónima do Carmo Godinho Vinagre

FRIEIRAS... Que flagelo!!!

Só as tem, quem as desejar ter! Usando **QUEIMAX**, desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas. À venda nas Farmácias

Guarda Livros

Precisa importante firma de máquinas e alfaias agrícolas com escritório em Faro. Resposta a este jornal ao n.º 12727.



Milhos Híbridos Maiores Produções Maior Rendimento

OS MILHOS HÍBRIDOS FUNK'S - 6

SELECCIONADOS PARA AS DIFERENTES REGIÕES DO PAÍS E ADUBADOS COM FOSKAZOTO GARANTEM AS MAIS ALTAS PRODUÇÕES EM TERRENOS INFESTADOS PELO ALFINETE, MELOLONTAS, RALOS E OUTROS INIMIGOS DO MILHO, EMPREGUE

ADUBOS INSECTICIDAS

DE ÊXITO JÁ COMPROVADO

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA SAPEC

LISBOA R. VITOR CORDON, 19 TELEF. 36 64 26



Depositário em FARO: JOÃO INÁCIO Horta das Figuras Telefone: 2 40 00

MALATOS

Merino Precoce, vendem-se. Permitem obter maiores borregos e melhor lã.

Exploração Agrícola da Aroeira — Telefone 4102 — Vila Nova de Cacela.

Armazém e terreno Vende-se

Armazem sito no Castelo, Moura e terreno na mesma vila junto à estrada Moura-Brinches.

Recebe propostas: Algartejo Lda. — Rua de S. Gonçalo de Lagos, 15 — FARO.

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentário de JOAO LEAL

2.ª Divisão Nacional

Vitória justa da turma de Faro

Foram cerca de oito mil os espectadores que acorreram ao Estádio do Portimonense para assistirem ao «derby» regional, que se revestia de características especiais pelo interesse na promoção à Divisão Maior. Todas as atenções se concentraram, pois, naquele recinto, onde se travou luta emotiva. Futebol de nível (exceto dois ou três lances) não o houve, mas o entusiasmo e espírito de luta, esses sim, estiveram sempre presentes. Dirigiu a partida o sr. Francisco Lobo (Setúbal), auxiliado pelos srs. Valdemar Nogueira e Serafão Reis e as turmas alinharam:

Portimonense: Daniel; Lino, (Faria), Marinho, António Luis e Celestino (Oliveira Carmo); Hélio e Ramos; Jacinto, Leca, Mateus e Pacheco. Faroense: Hélder; José António, Torpes, Manhita e Atraca; Nunes e Barão; Nelson, Ludovico, Siteo e Testas.

O jogo caracterizou-se por certo equilíbrio na primeira hora inicial, sendo no entanto o Faroense a equipa mais objectiva. Aos 34 minutos, Siteo fez o primeiro gol, colocando a turma visitante no caminho da vitória. Esta, que aliás, assinale-se desde já, foi inteiramente merecida viria a confirmar-se no segundo tempo, com mais dois lances obtidos por Ludovico, aos 4 minutos e Artur Jorge, aos 29 minutos.

Após este triunfo, o Faroense, que ainda veio naturalmente a beneficiar

das derrotas do Torriense e do Atlético, firmou-se no comando. A 4.ª jornada do final, o seu mais directo adversário é o Sesimbra (que magnífica e regular prova esta turma tem vindo a desenvolver!), que se encontra no 2.º posto, a dois pontos do guia. A título de curiosidade informamos que o Faroense jogará em casa contra o Peniche Oriental (23.ª e 25.ª jornada) e sairá a Sintra e Tramagal (24.ª e 26.ª jornada). Por seu turno o onze de Sesimbra recebe o Torriense e o Atlético (24.ª e 26.ª jornada) e actua extramuros no Montijo e frente ao Lusó do Barreiro (23.ª e 25.ª jornada).

Nos embates entre os dois clubes, a vantagem pendia para a turma de Faro, pois empatou em Sesimbra (2-2) e venceu em São Luís (1-0). Emoção e entusiasmo, por certo, até final do campeonato.

3.ª Divisão Nacional

O Olhanense prossegue à frente

A quatro jornadas do final e com 3 pontos de diferença, acredita-se que na época de 1970-71 teremos de novo o Olhanense na Divisão Secundária. Ascensão justa aliás, pois ao longo de todo o campeonato o onze da vila cubista tem primado pela regularidade, pelo excelente nível do seu futebol e por ser, sem dúvida, o melhor conjunto da zona D. No domingo, frente ao Silves e a despeito da constante toada ofensiva a vitória só se começou a esboçar perto da meia hora do 2.º tempo. A reacção oferecida pelos silvenses, o seu acerto defensivo e a excelente actuação de Paulo na baliza, foram barreiras grandes para os locais. Mas venceram e merecidamente.

Pesada a derrota do Faro e Benfica com o Cova da Piedade, no Estádio Municipal da capital algarvia. Esperava-se um triunfo dos locais, a garantir uma réstia de esperança para ir mais além. Aconteceu o inverso e até uma arbitragem, ao que nos dizem, em tarde não é irrelevável a desdida dos encarregados do Faro, turma simpática dum eclético clube.

Em Vila Real de Santo António também se esperava mais do Lusitano. O empate sobre o Desportivo de Beja, não é mau, mas a vitória viria sossegar ânimos e premiar vontades.

Nacional de Juniores

O Silves foi alcançar excelente vitória a Sesimbra e está a par do Vitória de Setúbal no comando da tabela. Ambos conheceram por vitórias os jogos realizados. Pesada a derrota sofrida pelo Faroense, em São Luís e que lhe foi infligida pelo onze de Setúbal.

Nacional de Juvenis

Confirmando a sua maior valia, o onze de Olhão venceu a turma de Vila Real de Santo António e a despeito dos juvenis de Aljustrel se encontrarem no comando, acredita-se que prosseja no Nacional a turma do Olhanense.

Distrital da 1.ª Divisão

O Esperança, campeão do Algarve

Terminou no domingo o Distrital da 1.ª Divisão. Apesar de derrotado em Moncarapacho, o Esperança, que já era campeão virtual, conquistou o título, com todo o merecimento pela sua regularidade e acerto, pois foi sem dúvida a equipa mais certa ao longo da prova. Em São Brás de Alportel o Unidos venceu o Louletano. O prélio Tavirense-Imortal não se disputou por ausência da turma albufeirense.

Casa de Pasto

«Camiño Verde»

ARRENDAM-SE

Rua de Aveiro, 21-23, ao lado do Mercado da Verdura, em Vila Real de Santo António.

Dirigir ao local.



Troféus «Brandy Casal Sereno»

Simões distancia-se no comando

Tem continuado a despertar o maior interesse a disputa dos «Troféus Brandy Casal Sereno», instituídos pelo nosso jornal para premiar os melhores jogadores algarvios da II e III Divisões. Para esta iniciativa temos contado desde a primeira hora com o melhor apoio e patrocínio da firma Francisco Matias, de Torres Vedras, produtora dos famosos e apreciados produtos vinícolas «Casal Sereno».

No domingo o marcador da jornada foi Simões (Olhanense), que obteve 3 pontos. Assim as classificações estão agora ordenadas deste modo: «Troféu «Brandy Casal Sereno» (II Divisão): 1.º Nelson Faria (Farense), 11 golos; 2.º Ludovico (Farense), 8; 3.º José Bento (Farense), 7; 4.º Testas (Farense), Pacheco e Mateus (Portimonense), 6; 7.º Leca (Portimonense), 5; 8.º Nunes (Farense), 4 golos.

«Troféu «Brandy Casal Sereno» (III Divisão): 1.º Simões (Olhanense), 18 golos; 2.º Osvaldo Silva (Olhanense), 11; 3.º Almeida (Lusitano) e Góis (Olhanense), 8; 5.º Vidal (Faro e Benfica), 7; 6.º Aniceto (Lusitano), 5; 7.º João Machado (Olhanense), 4 golos.

Jogo treino entre o Olhanense e o Portimonense

Amanhã, às 15 horas, realiza-se no Estádio Fadilha, em Olhão, um jogo-treino entre as equipas de honra do Sporting Clube Olhanense e do Portimonense Futebol Clube.

ATLETISMO

Corre-se amanhã o VIII Circuito da Cidade de Faro

A secção de atletismo do Sport Faro e Benfica, clube de grandes tradições no desporto algarvio, leva amanhã a efeito o «VIII Circuito» da Cidade de Faro, prova destinada a atletas filiados e não filiados (representantes de estabelecimentos de ensino e clubes populares), no seguinte percurso: Juvenis (nascidos em 1953-1954): Largo do Mercado (10,30), Rua Engenheiro Duarte Pacheco, Estrada de Olhão, Rua Ataíde de Oliveira, Rua dos Bombeiros Portugueses, Largo do Mercado (2 voltas).

Juniore e Seniores (nascidos até 1952): Largo do Mercado (partida às 11 horas), Rua General Teófilo da Trindade, Rua Abolim Ascensão, Largo Camões, Rua Infante D. Henrique, Rua Ventura Coelho, Largo da Estação, Avenida da República, Praça D. Francisco Gomes (contorno do Jardim Manuel Bivar), Rua D. Francisco Gomes, Rua de Santo António, Rua Teixeira Guedes, Rua Dr. Cândido Guerreiro e Largo do Mercado (chegada em frente do Mercado) num total de 3 200 metros. A classificação será individual e colectiva.

CICLISMO

Campeonato do Algarve em Populares

No sistema de contra-relógio disputou-se no domingo o Campeonato Regional de Clubes (Populares) que terminou com a seguinte classificação: 1.º Ginásio de Tavira (Janeiro Palma, José Mártires e Manuel Severino), 3 h, 00 m e 12 s; 2.º Louletano (António Sousa, Manuel Faleiro e José Martins), 3 h, 00 m e 40 s.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS

PESSOAL ESPECIALIZADO

MAQUINAS ELECTRONICAS

EXECUÇÃO RAPIDA

Ao seu dispor nas

OFICINAS ARMANDO DA LUZ

ZONA DO DIQUE — Tel 2405

PORTIMÃO

BASQUETEBOL

PROSSEGUIRAM OS CAMPEONATOS NACIONAIS

2.ª DIVISÃO

FARENSE, 64 — OLHANENSE, 44

TRIUNFO JUSTO

Foi absolutamente justa a vitória do Farense, no «derby» entre os dois rivais. O acerto na meia-distância foi a sua melhor e mais eficiente arma. O cinco de Faro comandou o jogo de princípio a fim. Digna de realce a boa exibição do veterano Vinhas, especialmente na 1.ª parte em que foi o fulcro da sua equipa. Com uma defesa zonal agressiva, o Farense confundiu, uma vez mais, o seu adversário que nos pareceu algo descrente de si próprio. Na realidade o cinco de Olhão detinham uma péssima ideia daquilo que pode e vale. Defendendo mal e actuando no ataque com pouca iniciativa para o cesto o Olhanense foi pouco menos que uma decepção. A equipa, no entanto, na 2.ª parte reagiu um pouco e esteve menos longe do seu normal. Notou-se, porém, a falta de seus três elementos que se encontram a prestar serviço militar.

A arbitragem, classificou-a de má. Apenas uma única atenuante, a de ter actuado só. E não compreendemos a razão por que num encontro destes apenas aparece um árbitro a dirigir a partida.

No capítulo técnico o sr. João Mendes mostrou-se, uma vez mais, desactualidade. Raramente soube discernir o contacto intencional do não intencional. A sua posição para julgar os lances que se desenrolavam na área restritiva foi o mesmo, vezes muito certas. No capítulo disciplinar, onde se poderia ter salvo, ainda mais se afundou. Permitiu uma agressão mútua, além de várias faltas a merecerem maior punição que não a de simples falta pessoal. Como se tudo isto não bastasse, temos de chegar à conclusão que o sr. João Mendes é prejudicado por denunciar falta de vista. Terá sido essa a causa de ter falhado tanto? Se, efectivamente foi, então, não pode ser! É preciso saber reconhecer quando se tem ou não condições para actuar.

Outros resultados:

Lusó, 52 — Olhanense, 44; Atlético, 47 — Olhanense, 54; Lusó, 65 — Farense, 40; Atlético, 69 — Farense, 68; Os Olhanenses, 28 — CDUL, 66; C. Pescadores, 41 — CDUL, 40.

De realçar a boa vitória extramuros do Olhanense, que agora é a equipa algarvia melhor classificada, pois é o 3.º classificado da sua série, a seguir ao Lusó e ao CIF. Digna de registro também a difícil mas excelente vitória da C. dos Pescadores de Portimão sobre a boa equipa do D.L.

O Farense foi íntel no seu encontro com o Atlético, porquanto perdeu apenas por um ponto após prolongamento. No outro encontro com o Lusó o estado psíquico provocado pela derrota da véspera deve ter influenciado no rendimento da equipa.

JUNIORES E JUVENIS

O Olhanense deslocou-se ao Barreiro e frente ao Barreirense, marcou boa presença. Embora perdendo ambos os jogos, em juvenis por 51-37 e em juvenis por 54-36, os rapazes de Olhão criaram inúmeras dificuldades aos barreirenses. Registe-se que os juvenis a 9 minutos do fim perdiam apenas por 4 pontos — altura em que tiveram duas pedras fundamentais desclassificadas com 5 faltas — enquanto que os juvenis chegaram a estar a vencer por 10-0 e depois 16-4. Significativo! Mas, depois, começaram a chover as faltas pessoais algumas forçadas e a ausência de suplentes à altura — nem em quantidade havia, lamentavelmente — determinou a diferença final.

As referências elogiosas de elementos afectos ao Barreirense, confirmam a nossa opinião acerca da boa presença do Olhanense nestes Nacionais, que têm no domingo a sua última jornada desta fase.

AMANHÃ:

JUNIORES

Em Olhão, às 9,30 horas: Olhanense-Barreirense.

JUVENIS

Em Olhão, às 11 horas: Olhanense-Barreirense.

HUMBERTO GOMES

Praia da Rocha

Srs. Construtores

Motivo retirada vendem-se

6 000 m2 terreno conjunto em

lotes, próximo Avenida. Resposta Agência D. Notícias —

Portimão.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa

em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS — FARO telef. 23669 — TAVIRA — telef. 264 — LAGOS telef. 287

PORTIMÃO — telef. 148 — ALMANCIL — telef. 34 — MESSINES — telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS T. C. P. O. FONTANHAS NETO — Comércio e Indústria, S. A. R. L.

3, E. de MESSINES — ALGARVE — PORTUGAL

VÉNIS DE MESA

«Taça de Portugal» (fase do Algarve)

Na 3.ª eliminatória da fase regional de apuramento para a «Taça de Portugal» verificaram-se os seguintes resultados:

Em Faro, Náutico do Guadiana, 3 — Louletano, 0; em Loulé, Imortal, 0 — Faro e Benfica, 3.

O sorteio para a 4.ª eliminatória indicou o encontro Náutico do Guadiana-Farense, ficando isento o Faro e Benfica.

O Nacional de Andebol de Sete (Zona Sul) da M. P., disputou-se em Portimão

No recinto da Casa dos Pescadores de Portimão decorreu o Torneio Zonal do Sul do Nacional de Andebol de Sete (juvenis) da M. P. Na última jornada verificaram-se os seguintes resultados:

Évora, 13 — Beja, 12; Setúbal, 15 — Faro, 7.

A Divisão de Setúbal, sem derrotas conquistou o título zonal.

Vendem-se

Duas fábricas de mo-

saicos com comércio de

Mat. Const. Civil, em

Portimão.

Tratar na Rua S. Pedro,

36/40-Portimão.

Em feridas infectadas

FURÚNCULOS

E ANTRAZES

PASTA «SANO»

CONTRA A FURUNCULOSE

LABORATÓRIO «SANO», V. N. GAIA

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

LABORATÓRIO PORTO

ROCAMBOLE

(Continuação)

A LOUCA

— A casa do meu médico, visto que estou doente.
— Mas ele acaba de sair...
— Deu-me livre desse médico — exclamou Baccarat rindo. É amarelo como uma cidra, e bem sabes que eu detesto o amarelo. É verdade, porque não mandaste chamar o doutor Bertrand, que é meu amigo e homem de muita ciência?
— Não estava em casa quando a senhora adoeceu, e como felizmente este outro morava na mesma escada...
— O quê? — disse Baccarat rindo — dois médicos na mesma escada! Essa casa deve ser um verdadeiro cemitério.
E dizendo isto, deitou sobre os ombros um magnífico challe inglês de riscas, semelhante ao que usavam as montanhesas cantadas por Walter Scott.
— Vem comigo — disse ela a Fanny — uma vez que estou doente será bom que me acompanhes.
E acrescentou consigo mesma:
— Eu te farei dizer a verdade pelo caminho, porque vou levar-te a casa do prefeito de polícia, a quem darás explicações exactas acerca da minha loucura.
Baccarat poderia parecer pretensiosa pensando com tanta confiança no prefeito de polícia; mas a verdade era que o conhecia intimamente para poder contar com a sua intervenção e benevolência em caso de necessidade.

O sr. de O..., amante de Baccarat, tinha, nos primeiros tempos das suas relações com ela, dado bailes em casa da cortesã, para os quais eram convidados homens de posição importante, e Baccarat soubera aproveitar a ocasião e criara relações úteis e proveitosas.

Com a inteligência e sagacidade de que era dotada, a pecadora entreteve e adivinhara vagamente um plano tenebroso, urdido por Williams contra Fernando Rocher e contra ela. O fim com que ele o tragara ignorava-o ela, mas como a imaginação impeliada pela vontade atinge sempre, quando não transpõe, os limites do possível, Baccarat julgava o baronnet culpado de grandes crimes, e tomou a resolução de confiar tudo ao prefeito de polícia, ainda que tivesse de confessar-lhe o seu louco amor e a acção má que praticara.

Fanny conservava-se indiferente como quem de nada desconfia. Baccarat saiu do quarto, atravessou a sala e o vestibulo que precediam o quarto da cama, e depois o jardim, à porta do qual a esperava o seu coupé. Fanny seguia a pequena distância, Baccarat abriu a portinhola e quando ia a subir para o coupé fingiu ter-se esquecido do regalo, e ordenou a Fanny que lho fosse buscar. Enquanto esta obedecia, depois de haver trocado um olhar rápido com o cocheiro, Baccarat perguntou a este último:

— Que dia é hoje, João?
— Quinta-feira, minha senhora.
— Não ontem fomos à rua de S. Luís, pois não?
— Sim, minha senhora.
— És capaz de afirmar isso diante de um comissário de polícia?

— Sim, senhora.

— Muito bem — disse Baccarat entrando para o coupé.

Fanny voltou e sentou-se ao lado dela.

— Para a Ponte Nova — disse Baccarat ao cocheiro — reservando para depois indicar-lhe a prefeitura da polícia.

O coupé partiu e entrou na rua Blanche; na rua Boursaul as obras de um cano obstruíam o caminho e o cocheiro voltando à esquerda como se quisesse tomar pela Cité Gaillard para evitar o obstáculo, largou a trote rasgado direito à Barreira Blanche.

— Onde vais, imbecil? — gritou Baccarat correndo um dos vidros do coupé — é esse o caminho para a Ponte Nova?

No mesmo instante porém, abriu-se uma das portinholas e o homem baixo, amarelo e calvo que havia pouco representara o papel de médico e que seguira o coupé desde a rua Moncey, saltou para dentro da carruagem com a agilidade de um gato, fechou a portinhola, e sentou-se ao lado de Baccarat que soltou um grito de susto.

— Na verdade, minha senhora — disse ele friamente — um médico faltaria a todos os seus deveres se deixasse um doente no estado em que a senhora está, correr assim numa carruagem. A senhora tem afectadas todas as faculdades intelectuais, e duvido muito da cura.

Enquanto o falso médico pronunciava estas palavras em tom irónico, o coupé saíra a barreira e corria pelo boulevard exterior.

— Para onde me levam? — exclamou Baccarat compreendendo que o seu cocheiro assim como Fanny, estavam comprados por sir Williams.

— Para Montmartre — respondeu o homenzinho, correndo todos os vidros do coupé — e se quer seguir o meu conselho não tente abrir os vidros, o ar deve fazer-lhe mal. Pego-lhe igualmente que não grite, porque no seu estado um ataque de cólera pode ser-lhe fatal.

E o falso doutor tirou da algibeira um punhal e encostou-o ao peito da cortesã.

— Esta arma — disse ele — é para os doidos furiosos. Tem a vantagem de não fazer o mais leve ruído no exercício das suas funções.

Baccarat tinha também um punhal, mas receava fazer uso dele; compreendeu que a resistência custar-lhe-ia a vida, e teve a prudência necessária para não fazer o menor movimento que pudesse trair a posse daquela arma.

— Muito bem, doutor — disse ela tranquilamente — reconheço que estou louca, e obedeco às suas ordens. Para onde me leva?

— Já lho disse, minha senhora — para Montmartre.

— Mas para casa de quem?

— Do doutor Blanche — respondeu friamente o cúmplice de sir Williams.

(Continua)

Sem Dizer AVONDE...

No lago do jardim de São Francisco, em Loulé, havia uma pequena estátua. Disseram-me (e não sei se é verdade) que a estátua terá sido modelada pelo Francisco Jorge. A estátua partiu-se não se sabe por onde. Não se sabe onde está. Não seria possível fazer uma reedição em bronze ou em mármore? Não seria possível recolocá-la? Mas onde está a estátua? E que sabem: os louletanos habitaram-se aquilo é deles. Chamavam-lhe «a Freguça». Pelo menos assim me ensinaram.

Onde está então a «preguiça» de Loulé? — C. A.

Cartas à Redacção

Por que se não dá continuidade à Estrada Nacional 395?

Alte, 16-3-1970

Sr. director

Tenho lido no vosso jornal e noutros jornais algarvios, artigos sobre traçados de estradas que tornariam Lisboa mais perto e com menos perigo e dariam escoamento a parte da serra que vive isolada, sem qualquer meio de comunicação, em caso de doença, para um médico ir à maior parte dos sítios.

Porém, em nenhum desses artigos li uma anotação à já criada Estrada Nacional 395. Porquê? Há mais de trinta anos que o plano está feito e nem na abertura da Assembleia Nacional, os deputados pelo Algarve, deram um passo para que tal assunto fosse debatido, para bem do Algarve.

Ora vejamos: 1.º — A dita estrada n.º 395, que já tem 2,200 km feitos até Santa Margarida, iria beneficiar os lugares: do Arneiro, Macheira, Casinha, João André, Monte das Sarnadas, Azinhal, Casas, Águas Frias e Torneiros, além dos sítios da serra do Baixo Alentejo. Estes últimos lugares, acima mencionados, da freguesia de Alte, há muito que esperam pela ponte, cujo plano há muitos anos também está feito, e no Inverno não podem de lá sair, nem levar qualquer cadáver ao cemitério da freguesia.

2.º — Daria a mesma estrada ligação às estradas e caminhos camarários, passando, pela Cortinhola, Ameixeirinhas, Quinta do Freixo e ofereceria melhor escoamento para a sede de freguesia. Ou será por não sair perto da sede do concelho, que se põs uma pedra no assunto!

É pena, pois a meu ver foi S. Bartolomeu de Messines que beneficiou com a criação da estrada de S. Marcos da Serra, ficando como estava a serra do concelho de Loulé. Porquê?

De V. etc.,

Vitor Hugo M. Pereira

Elísio Baldinho

ADVOGADO

Rua Baptista Lopes, 19

Telef. 24357 FARO

AS RAZÕES POR QUE O ATUM É UM PEIXE MIGRADOR

(2) pelo comandante José Salvador Mendes

OS ATUNS PÓBERES

Dizem referir-se numa revista francesa, que o atum se encontra espalhado por toda a parte, o que não é verdade, e omite-se, por manifesta ignorância, a forma como esse peixe se dissemina geograficamente.

A tal respeito diremos, de original e inédito, o seguinte:

As sedes das populações tuni-deas, que não abundam, disseminam-se por todos os oceanos e mares adentro dos paralelos terrestres, dos 45 graus Norte e Sul, pois é neles que se situam as águas quentes e muito temperadas, únicas que se compadecem com o fenómeno da parturição do atum, embora este peixe depois da parturição possa, em movimentação migratória errática, alcançar elevadas latitudes, visto que então se manifesta insensível às águas frias nelas existentes.

O atum hiberna aí, desde o equinócio do Outono (23 de Setembro) até ao equinócio da Primavera (21 de Março), mediante um repouso físico e fisiológico, para efeito da purificação do seu organismo eivado de importante estado toxémico, devido a excessos de alimentação e movimentação no decurso de todo o período migratório de cerca de seis meses. E fá-lo a grande profundidade, resguardando a sua integridade física entre duas águas, para assim se defender dos temíveis ataques de outros peixes, no longo decurso da hibernação.

Ao aproximar-se a época primaveril, o atum hibernante começa a amadurecer sexualmente. Mas este estado não se compadecer com a temperatura das águas dos fundos de hibernação. Por isso, aproximam-se da superfície, onde a água do mar é mais temperada. Todavia, o estado de maturação sexual desperta nele o fenómeno do heliotropismo matutino, como elemento orientador da corrida genética ou nupcial (vulgo, corrida de «direito»); e, assim, ao nascer do sol, no meio aguoso, o atum mediante o seu «aparelho pineal» (descoberto em 1952 pelo prof. Rivas), recebe instantaneamente o azimute solar, de seguida facultado ao seu instinto natural, que o conserva por dado tempo, correndo assim sob esse azimute, única e exclusivamente para efeito do integral desenvolvimento e maturação dos seus órgãos reprodutores da subseqüente parturição. Logo que dispõe da garantia daqueles objectivos fisiológicos, nele se anula automaticamente o fenómeno orientador do heliotropismo matutino, razão por que se detém, para aguardar o momento mais propício para a desova ou postura, definindo e determinando assim a «área de postura ou desova» da população respectiva. E assim, de ano para ano, a extensão da corrida genética (vulgo de «direito») é constante.

Após a postura ou desova, o atum que correu inicialmente no quadrante sueste, movimentam-se para Sul, apenas em missão alimentar, definindo e determinando uma zona de alimentação; e o que de idêntica forma se movimentou no quadrante nordeste, desloca-se para norte, definindo e determi-

nando uma outra zona de alimentação. O conjunto dessas duas «zonas de alimentação», tendo de permo a «área de desova ou postura», chama-se «área de alimentação» e dispõe de vasta extensão.

Devemos esclarecer que os movimentos migratórios do atum em missão alimentar são reversíveis, pelo que ele volta, depois, à sua «área de postura ou desova», de onde anteriormente havia partido, para dela seguir com destino ao seu «habitat de Inverno», a fim de hibernar, tendo assim terminado o ciclo do seu fenómeno migratório. Daqui se conclui que cada população tuni-dea tem o seu vastíssimo «campo de actividade migratória», sem que dele periodicamente se afaste, seja para onde for, e que a sua movimentação migratória, adentro dele, é comandada pelo movimento do Sol na eclíptica, ou seja pelas estações do ano e, assim, por leis naturais. A migração visa dois objectivos: a reprodução da espécie e a superalimentação, para efeito de longa hibernação.

O atum movimentam-se migratoriamente de «direito» (para fins de parturição) desde o equinócio da Primavera (21 de Março) até ao solstício do Verão (21 de Junho), de «revés» (já saturado alimentariamente) desde esse solstício até ao equinócio do Outono (23 de Setembro) e, erráticamente (para efeito de superalimentação), desde o acto fisiológico da desova, ou postura, até à saturação alimentar.

OS ATUNS IMPÓBERES

O produto da desova ou postura periódica, permanece na «área de desova ou postura» dos seus progenitores. Passados três a cinco anos, cada um dos elementos desse produto (atunzinho impúbere) amadurece sexualmente nesse local e nele procria, depois ingressando no ciclo do fenómeno migratório dos seus criadores.

Estes atunzinhos impúberes são também peixes migradores; e, assim, movimentam-se desde o solstício do Verão (21 de Junho) até ao solstício do Inverno (22 de Dezembro), apenas em missão alimentar, hibernando depois com o fim de uma purificação orgânica, tal qual fazem os progenitores. A sua hibernação vai desde este àquele solstício.

Há, portanto, um desfazamento de movimentação migratória, entre os atuns púberes e os impúberes de cerca de três meses.

(Continua)

FIM DE SEMANA

MAR BRAVO

Zé da Guia, um entre outros da sua igualha, no barco de pesca feito baloiço que ameaça perder-se nas lujurias do mar bravo, e a mulher, em casa, esperando e desesperando, chorando, rezando, crendo, sempre, na sua volta feliz.

É um céu baixo e negro. Um céu de meter medo pesando sobre a terra suja de lama onde passos se afundaram e ficaram marcados, um pouco por toda a parte e um tanto ao acaso, fugidos e perdidos no vento e na chuva que vêm açoitando tudo e todos, criando um cansaço e um desejo de libertação enormes no ventre da própria terra inteira.

Um pássaro que se ergue, não se sabe donde, em voo rasteiro, a debater-se com a força do tempo que faz, e vai cair adiante, num qualquer ponto indefinido. Ruas desertas onde ninguém se atreve. Uma voz de bêbado, que se esganica numa cantilena de tristezas, sai dos fundos da grande taberna onde é costume os pescadores demorarem-se para uns copos, uma jogatana, umas conversas da sua vida de todos os dias.

«Gaiotas em terra, sinal de tempestade» — tinham dito o Zé da Guia e os outros, tinham lamentado, quase num grito, as mulheres.

«E tinham sido tantas, tantas gaiotas a cair nas areias, num longo, longo e largo esvoaçar de neve, por cima e por entre o Boa Esperança, o Felizardo, o Val-com-Deus, por todos os barcos amarrados, quase a escondê-los, em grossos bandos, roçando-se, quase chocando-se, lançando o desassossego, as dúvidas, o medo. As lamentações e as primeiras preces. Agora o temporal sem fim, o mar bravo que sacode os barcos e os homens que vão perdendo forças físicas e ganhando e agarrando alento e alento, já que os anime e ajude a voltar. Zé da Guia acreditará nisso, tal-

Falta de água no sítio do Ribeiro do Junco (Cacela)

FICA o sítio do Ribeiro do Junco a cerca de um quilómetro da povoação de Cacela Velha, na freguesia vila-realense de Vila Nova de Cacela, e é constituído por algumas dezenas de fogos, cujos ocupantes se dedicam à pesca e à cultura de ostras e amêijoas.

Acontece que no referido sítio não existe nenhum poço ou outro meio de abastecimento de água potável, pelo que os respectivos moradores, quando dela necessitam, têm de atravessar o rio e deslocar-se à ilha que fica fronteiria, com todos os incómodos que a deslocação e a travessia oferecem. E se há mau tempo, já esta viagem se não torna possível, pelo que ficam privados do precioso líquido. Por terra, o poço mais próximo situa-se a alguns quilómetros das suas casas.

Apoentados e com razão com este problema que tanto lhes dificulta a vida, apelam os habitantes do referido sítio para as autoridades respectivas — a Junta de Freguesia ou a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António — para que não deixem de valer-lhes, mandando abrir um poço ou charfariz nas proximidades, a fim de que a água não continue a faltarlhes.

MAQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

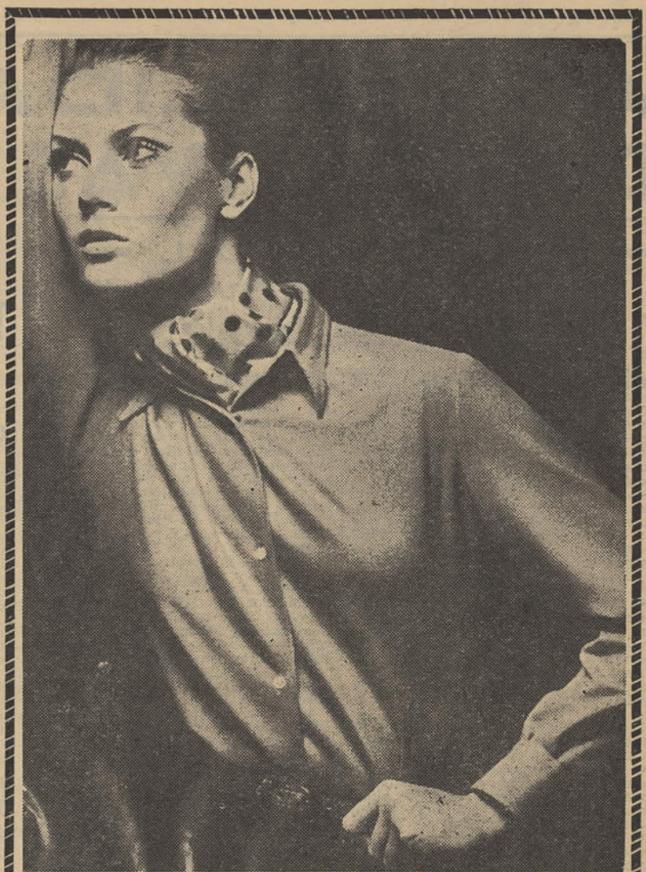
Lisboa — Rua Filinto Elísio, 10 B

Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 104

Apartamento

Com vista para o mar, a 200 metros da praia do Carvoeiro, mobilado, três quartos, cozinha, duas casas de banho, salão com fogão, água e luz.

Aluga-se época balnear, um ou mais anos. Telefonar para 2100 — Carvoeiro — Lagoa.



Nas tardes frescas da agora chegada Primavera pensa-se ainda no «tailleur» e nas indispensáveis blusas que o acompanham. De todas, a mais prática será a blusa-camisole, de lá fina com gola de virados que tanto poderá usar-se aberta como fechada e permitirá, nalguns casos, o uso dum lençinho de fantasia, como se vê neste gracioso modelo.

BRISAS do GUADIANA

A draga «Marinha» removeu 337 mil metros cúbicos de areias da barra do Guadiana

É JÁ em 20 de Maio, e pouco tempo falta, portanto, para a realização do concurso público da empreitada da nova barra do Guadiana, que tão amplos horizontes abriu à evolução não só do concelho vila-realense como das terras vizinhas servidas pelo grande rio. Este facto, apesar de transcendente, não tira todavia o interesse às dragagens efectuadas na barra nos últimos meses, na sequência da reunião a que há um ano, nos Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, presidiu o ministro das Obras Públicas, sr. eng. Rui Sanches.

Pode dizer-se que foi autêntico dia de festa para as gentes do Sotavento algarvio, o da chegada, à foz do Guadiana da draga «Marinha», da empresa DOPA — Dragagens e Obras Públicas, Lda., com sede em Lisboa, que era assistida pelo rebocador «Buldogue» e batelões «Bom» e «Amigo», da mesma empresa. A «Marinha» tornara-se já conhecida não só das gentes da Vila Pomalima, como de quantos têm a sua vida ao longo do rio e até às cercanias de Mértola, pois que durante alguns decénios por aqui actuou, então com o nome de «Mouze», ao serviço da firma Mason & Barry, Lda., a quem estava entregue a exploração das Minas de S. Domingos. Não se tornando possível, devido aos maiores encargos que ocasionava, a vinda do rebocador «Rival», cuja actividade estava estreitamente ligada à da «Mouze», veio em sua substituição o «Buldogue», com menos tripulantes e disposto já de modernos meios de locomoção, pois o «Rival» usa ainda o carvão como combustível.

Como se esperava, a «Marinha» encontrou em precárias condições a zona em que ia actuar, devido ao largo número de anos em que a mesma estivera sem receber dragagens. Parte das terras haviam endurecido, tornando-se compactas e isto, aliado ao levante dos meses de Julho e Agosto de 1969, e a algumas reparações que se afiguraram indispensáveis nas turbinas daquele barco, fiseram com que se estendessem por mais algum tempo os trabalhos cuja duração se previa para quatro meses apenas. Tiraram-se, assim, 337 mil metros cúbicos de areias, em grande parte endurecidas, as quais foram levadas para cerca de duas milhas mais longe, já no oceano e em locais de profundidade suficiente para se não prejudicar a navegação nem ocasionar futuros assoreamentos. O canal da barra estava praticamente obstruído e em toda a zona mais afectada, numa distância de cerca de 700 metros, conseguiu-se pô-lo em boas condições de navegabilidade, prolongando-se as dragagens por mais umas centenas de metros, até à bóia n.º 9. Nos 700 metros, as dragagens atingiram sempre a cota

merecia festa rija.

Havia estrelas de alegria no céu e lágrimas de estrelas em muitos rostos. E o mar vinha mansamente contar e recontar à terra a sua nova história.

Da música do acordeão, do baile, da festa rija que se fez — como disseram os outros — e durou até altas horas, resta agora a voz dum bêbado que se esganica, pelas ruas numa cantilena de alegrias, e o voo leve, rápido e rasteiro dum pássaro, no princípio da manhã de sol!

A. EUSEBIO

dos 4,5 metros de altura, na baixa-mar, ficando o canal com uma zona navegável de aproximadamente 1 000 metros por cerca de 100 de largura.

Para o êxito dos trabalhos muito contribuiu a experiência do mestre da «Marinha», sr. Francisco Camilo Marques, que a breve trecho e por suas qualidades e trato se tornou figura popular e estimada em Vila Real de Santo António. Embora relativamente novo (conta 43 anos), tem já muitos anos de actividade no sector das dragagens, no qual fica ligado a importantes empreendimentos no nosso País. Fez também a dragagem do porto israeliano de Haifa para a entrada de grandes navios (com uma draga que deslocava 1 100 m3 enquanto a «Marinha» desloca apenas 300 m3), actuou no Brasil em serviços de dragagens para aterros, e em Itália, nos aterros necessários à construção de uma fábrica de siderurgia.

Confidenciou-nos o sr. Francisco Marques (mestre Chico, como é popularmente conhecido), que enquanto se não completarem os trabalhos da nova barra, talvez valesse a pena fazer algumas dragagens dentro do rio, onde há zonas afectadas, junto à Golada e na ponta de baixo do Ouril, onde o local conhecido por «bico» foi prejudicado pelos últimos temporais registados em Janeiro.

A «Marinha» deixou Vila Real de Santo António na quarta-feira, com destino a Lisboa. — S. P.

Centros Internacionais de Férias para Estudantes em Monte Gordo e Albufeira

De 1 de Agosto a 15 de Setembro (em períodos de 15 dias) vão funcionar em Monte Gordo e Albufeira, Centros Internacionais de Férias para Estudantes.

Reuniram em Olhão os directores das Escolas Técnicas do Algarve

A fim de dialogarem sobre questões do ensino e relacionadas com o desempenho dos seus misteres, reuniram na Escola Industrial e Comercial de Olhão, os directores das Escolas Técnicas do Algarve.



PRONTO PARA O SERVIR A PRIMEIRA CHAMADA

....E TAMBÉM

HOTEL DA BALEEIRA

SAGRES

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

DISTRIBUIDOR PARA TODO O ALGARVE

EXCELSIOR DO ALGARVE

AV. 5 DE OUTUBRO 62 OLHÃO